

Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto.

2. Antas inéditas do grupo megalítico Crato-Nisa (Anta das Romeiras e Anta da Ferranha)

* Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Grupo de trabalho sobre as antigas sociedades camponesas.
vsg@campus.ul.pt,
folha-de-acacia@iol.pt.

Victor S. Gonçalves*
Marco António Andrade*

Mesmo que da espada só reste o cabo, sempre aprendemos alguma coisa ao estudá-lo. E aprender alguma coisa é sempre melhor que saber nada.

*Dito do Mestre, na primeira aula do Seminário especial da Academia sobre descrição e estudo de artefactos cortantes e perfurantes.
As crónicas de Sarnath, 1.ª edição (não censurada).
Biblioteca Central de Orion.*

Resumo Este estudo apresenta materiais arqueológicos recolhidos nas antas das Romeiras e da Ferranha, concelho do Crato, distrito de Portalegre. As características tipológicas deste espólio, para além da Geografia, permitem enquadrar estes monumentos no que é culturalmente designado como *Grupo Megalítico do Alto Alentejo*, de onde se destacam, como principais elementos caracterizadores, e a nível de cultura material, a partir dos últimos séculos do quarto milénio a.n.e., as placas de grés esculpidas e os pequenos vasos carenados designados *tipo Crato-Nisa*. O conjunto da anta das Romeiras é composto por sete vasos praticamente intactos, uma placa de xisto gravada e quatro artefactos de pedra polida (uma enxó e três machados, um dos quais de fibrolite e com sulco transversal); o conjunto da anta da Ferranha é composto por uma lâmina de sílex, vários fragmentos cerâmicos (correspondentes maioritariamente a recipientes de grandes dimensões), três placas de grés lisas (e fragmentos de outras duas), um polidor ou afiador e quatro artefactos de pedra polida (duas enxós e dois machados). Este texto pretende apresentar os dois conteúdos, provenientes de contextos infelizmente perdidos, procurando integrá-los no âmbito do Megalitismo alto-alentejano, esperando-se assim contribuir, dentro do possível, para uma melhor definição do Megalitismo do Crato.

Abstract This paper presents the study of archaeological artefacts collected in the passage graves of Romeiras and Ferranha, county of Crato, district of Portalegre. The geography and the typological features of these sets allow to frame these monuments in what is culturally designated as *Megalithic Group of North Alentejo*, with chronological parameters are the last centuries of the 4th and the first of the 3rd millenium BCE. We can highlight, as main characteristic elements and in terms of material culture, the presence of carved sandstone plaques and small carinated bowls of *Crato-Nisa type*. The set of Romeiras is composed of seven small pots, one engraved schist plaque and four polished stone tools (one adze and three axes, one of which made of fibrolite and with a transversal groove); the set of Ferranha is composed of one flint blade, several pottery sherds (mostly corresponding to large vessels), three non decorated sandstone plaques (and fragments of another two), one polisher or grinder and four polished stone tools (two adzes and two axes). This text intends to present these two sets, unfortunately now without precise known contexts, seeking to integrate them both within the framework of the megalithic phenomenon in North Alentejo, thus hoping to contribute, as far as possible, for a better definition of the Megalithism of Crato county.

1. Introdução

Durante os trabalhos de escavação na Anta dos Penedos de S. Miguel (PSM), no Crato, recebi um conjunto de materiais arqueológicos recolhido na anta das Romeiras por um grupo cultural local. O monumento estava ameaçado pelas águas da ribeira do Chocanal e foi posteriormente arrasado. Ainda durante os trabalhos em PSM, um engenheiro, natural de Gáfete, levou-me a ver uma pequena anta onde, por pura curiosidade, teria feito trabalhos de escavação antes da sua destruição. Entregou-me para estudo um conjunto de materiais e só a perda do seu contacto me impede de o referir por extenso.

Agradecimentos para o Grupo e para o gafetense (não confundir com gravetense...), que permitiram este estudo. Os materiais serão entregues para incorporação no Museu do Crato, por cuja exposição pré-histórica, integralmente dedicada aos materiais da Anta dos Penedos de S. Miguel, fui, aliás, responsável.

Com eficazes desenhos de Marco Andrade e fotografias minhas, são agora dados à estampa dois pequenos sítios, alguns objectos perdidos e artefactos sem contexto. Mas, ainda assim, tal como aconteceu no anterior texto de esta série (Gonçalves, 2006), acredito que valeu a pena efectuar o seu registo, para memória futura.

V.S.G.

2. Localização e caracterização: contextos de recolha

Os monumentos megalíticos das Romeiras e da Ferranha localizam-se no concelho do Crato (distrito de Portalegre), o primeiro na freguesia de Crato e Mártires e o segundo na freguesia de Gáfete.

A Anta das Romeiras situa-se, segundo a folha n.º 358 da Carta Militar de Portugal (esc. 1:25 000), nas seguintes coordenadas UTM (*datum* ED1950): X (m): 0619095, Y (p): 4348890, N (alt.): 215 m.

Ou, em coordenadas geográficas (*datum* WGS84): Lat. (N): 39°16'45,70", Long. (W): 07°37'14,38".

A Anta das Romeiras é descrita como um monumento de Câmara poligonal muito destruído, da qual são visíveis apenas dois pequenos esteios

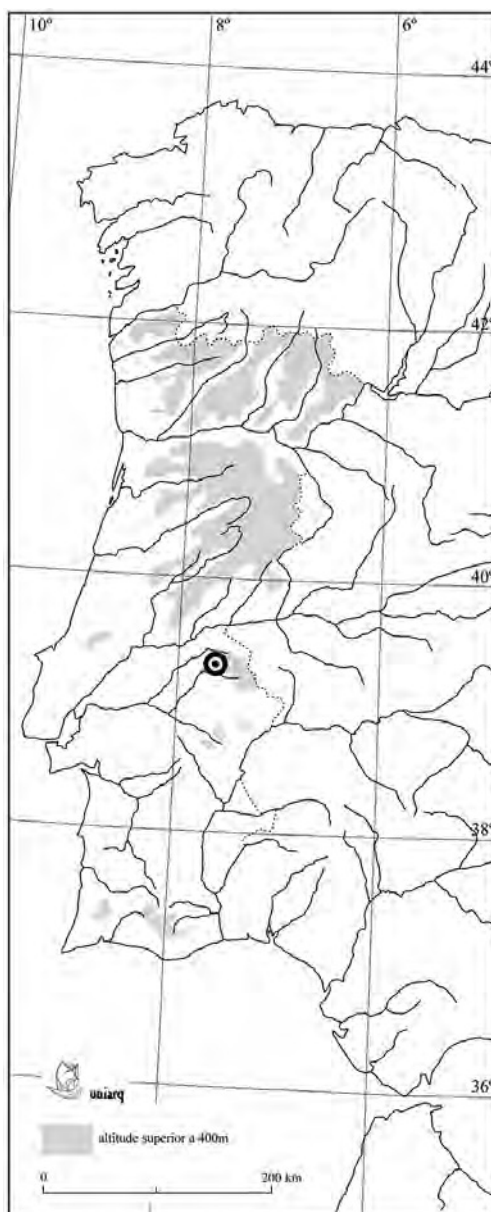


Fig. 1 – Localização das Antas das Romeiras e da Ferranha no Ocidente peninsular.

aflorando à superfície, sem evidenciar vestígios de Corredor. Localiza-se sobre um meandro da Ribeira do Chocanal, afluente da margem direita da Ribeira da Seda, sendo referido que ficaria submerso em períodos de maior caudal deste curso de água (talvez devido à influência da albufeira do Maranhão). Implanta-se, segundo a folha n.º 32B da Carta Geológica de Portugal (esc. 1:50 000), sobre ortognaisses graníticos biotíticos derivados de granitos porfíroides de grão fino, entre xistos e gauvaques cloritizados. Rui Parreira (1996) refere que este monumento, não referenciado por G. e V. Leisner (1959) nem por A. F. Isidoro (1962, 1963a, 1963b, 1964,

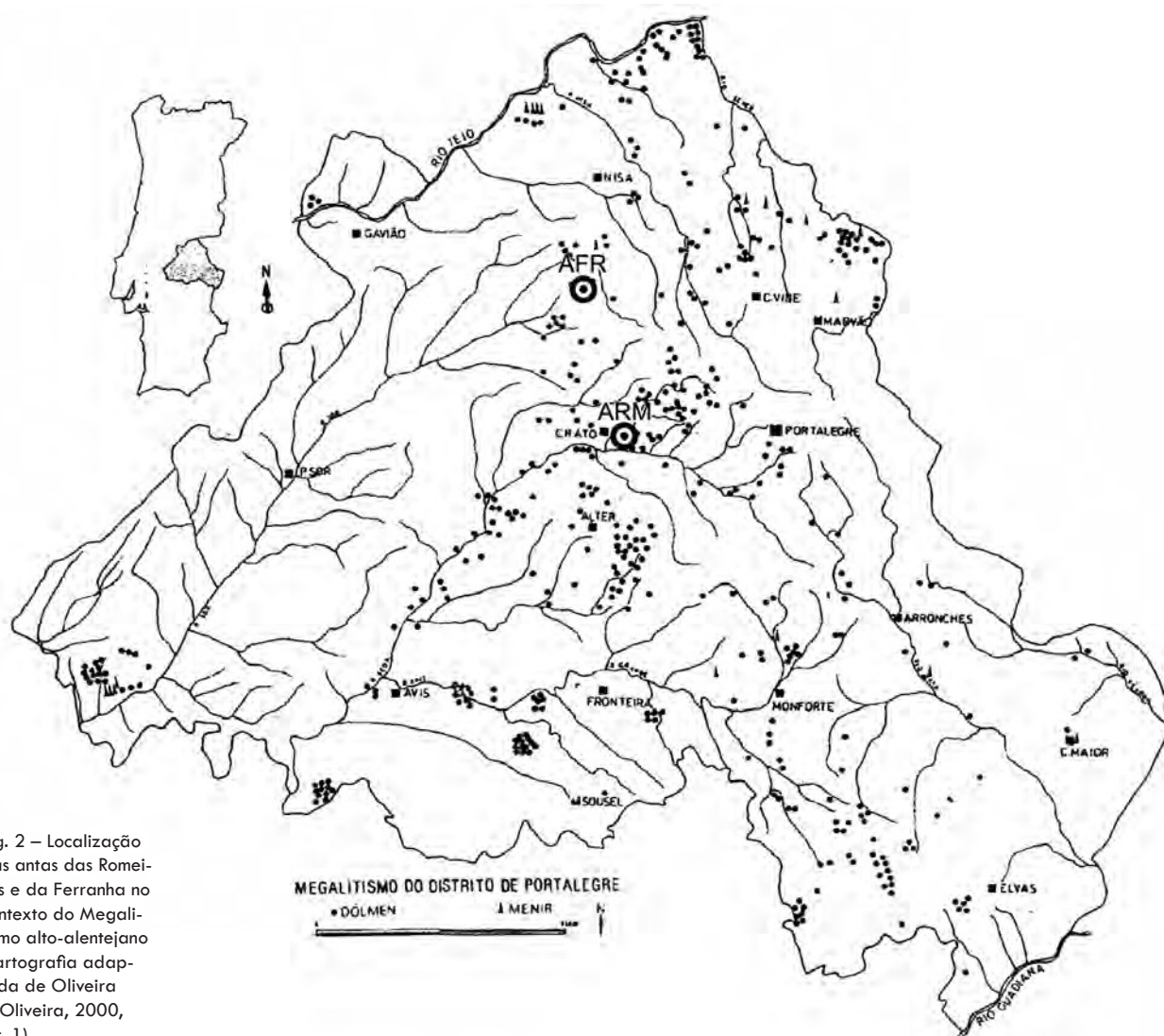


Fig. 2 – Localização das antas das Romeiras e da Ferranha no contexto do Megalitismo alto-alentejano (cartografia adaptada de Oliveira & Oliveira, 2000, Est. 1).

1973b), poderá corresponder a uma das duas antas de Vale do Freixo registadas pelo casal alemão, muito embora estes autores posicionem estes monumentos na margem oposta da Ribeira do Chocanal, não apresentando localização precisa (Leisner & Leisner, 1959, p. 32). Da mesma maneira (e terá sido esta a fonte de informação de G. e V. Leisner), J. Basso refere-se aos monumentos de Vale do Freixo, localizando-os a sueste do Crato, em posição fronteira à estação de caminhos-de-ferro (Basso, 1895, pp. 191–192). Seja como for, a Anta das Romeiras inscreve-se num contexto imediato onde são conhecidos vários monumentos megalíticos. Encontram-se, num raio de 3 km, os monumentos de Ceirão 1 e 2, Monte do Russo, Matinho, Tapada de Canchos, Vale do Freixo 1 e 2, Zambujeira 1 a 3, Couto de Andreiros 1 e 2, Vale de Carvalhos 1 e 2, Ermida

da Granja e Couto de Marrocos 1 e 2 (Leisner & Leisner, 1959; Isidoro, 1962, 1963b, 1964, 1965–1966, 1967–1968, 1973a, 1975; Parreira, 1996). Um pouco mais distantes, já num raio de 10 km, encontram-se os importantes monumentos de Penedos de São Miguel, Tapadão 1, Couto de Madraços, Dacosta 1 e 2 e Coutada de Barros (Leisner & Leisner, 1959; Isidoro, 1962, 1963b, 1965–1966, 1973a; Gonçalves & alii, 1981, 1983–1984; Parreira, 1996), para além dos recentemente escavados monumentos da Coude-laria de Alter do Chão (Oliveira, 2006). Quanto à Anta da Ferranha, é actualmente desconhecida a sua posição exacta — sendo apenas referido que se localizaria num eucaliptal junto a Gáfete, tendo sido destruída posteriormente à sua escavação — não tendo sido, tal como a Anta das Romeiras, referenciada por G. e V. Leisner

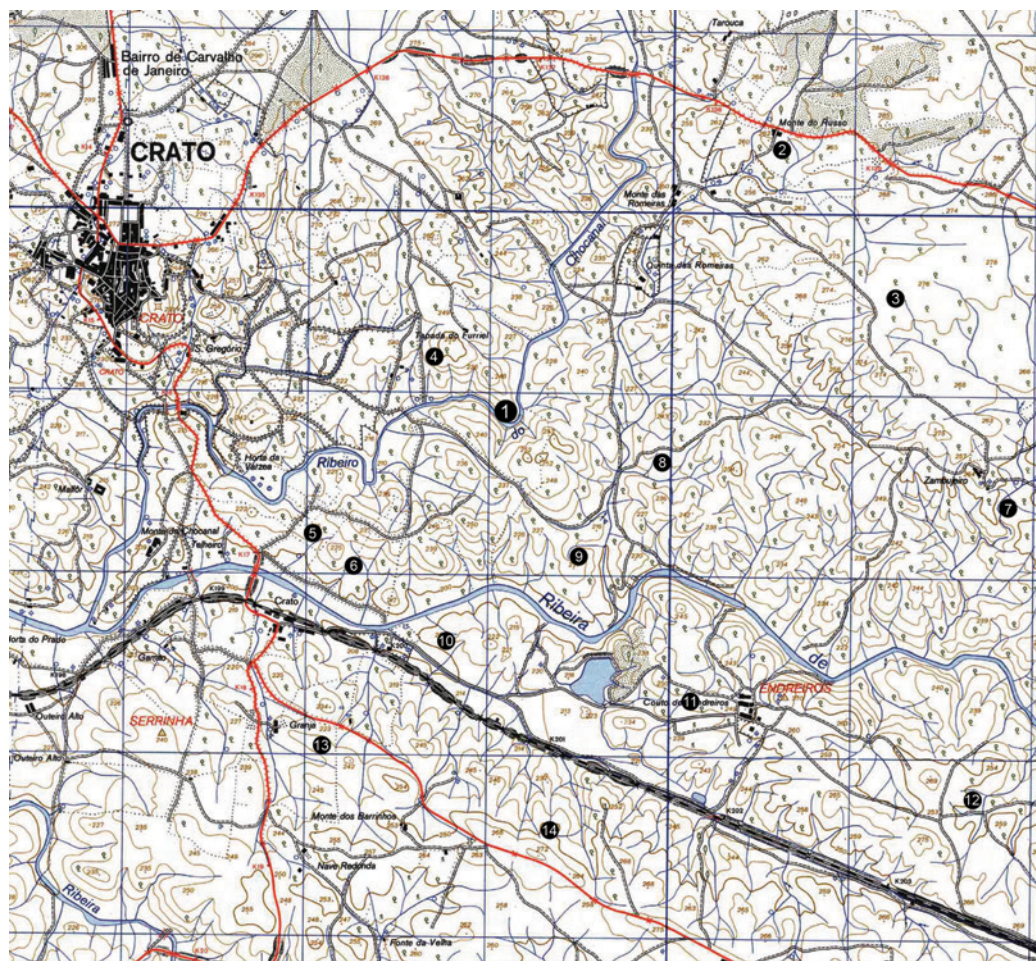


Fig. 3 – Localização da anta das Romeiras. (1) na folha n.º 358 da Carta Militar de Portugal (esc. 1: 25 000), em relação a outros monumentos megalíticos localizados na sua envolvente imediata: Monte do Russo (2); Matinho (3); Tapada de Canchos (4); Vale do Freixo 1 (5); Vale do Freixo 2 (6); Zambujeira 1 (7); Zambujeira 2 (8); Zambujeira 3 (9); Couto de Andreiros 1 (10); Couto de Andreiros 2 (11); Vale de Carvalhos 1 (12); Ermida da Granja (13); Couto de Marrocos 1 (14). Posição dos monumentos segundo Parreira, 1996.

(1959) ou por A. F. Isidoro (1962, 1963a, 1963b, 1964, 1973b). A busca do topónimo na cartografia disponível (inclusive no cadastro rústico) revelou-se infrutífera, não sendo assim possível sequer definir a sua localização aproximada. No entanto, A. F. Isidoro (1973, p. 5) refere um monumento no Couto do Vale do Cavaleiro, já muito destruído, referenciando-o em relação à fonte da Ferranha, freguesia de Gáfete. Contudo, a Ribeira de Vale do Cavaleiro, junto à qual se localizaria este monumento, corre a cerca de 5 km a sul de Gáfete, abaixo do Monte da Ventura. Implantar-se-ia, segundo a folha n.º 28D da Carta Geológica de Portugal (esc. 1:50 000), sobre granitos calco-alcalinos biotíticos, em geral porfiróides. Estava também num contexto imediato onde são conhecidos vários monumentos megalíticos, destacando-se os de Tapada da Laje das Peles, Vale da Anta 1 a 4, Couto de Biscaia 1 a 2, Couto de Enchares, Couto de Vale Magro, Vale do Castelo (Isidoro, 1962, 1965–1966, 1970, 1971), sendo de referir também os núcleos de

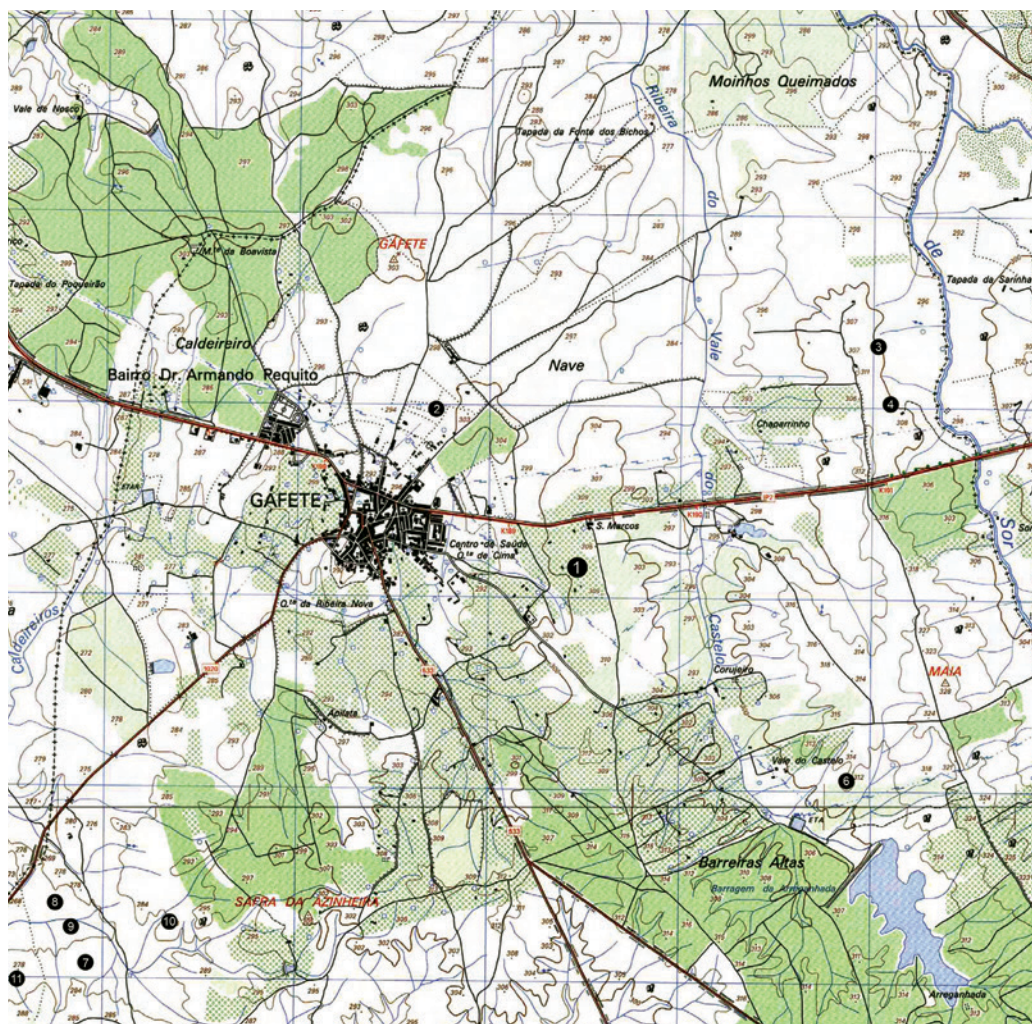
Maxial, São Gens e Saragonheiros, já no concelho de Nisa (Leisner & Leisner, 1959; Parreira, 1996; Oliveira, 1998).

Incluem-se assim ambos monumentos numa área onde se atesta uma ocupação relativamente consistente por parte das comunidades megalíticas do Neolítico Final e Calcolítico Inicial, integrada no designado grupo megalítico de Crato-Nisa. Aqui se reconhece um conjunto crono-culturalmente coevo, fundamentado na distribuição geográfica dos monumentos e na homogeneidade dos rituais funerários (a nível de composição arquitectónica dos monumentos e respectivos mobiliários votivos), lido em sintonia com o Megalitismo hispano-estremenho (cf. Bueno, 1988) e com incontestáveis relações com grupos mais a sul (nomeadamente, da linha Montemor-Évora-Reguengos).

O espólio proveniente da Antas das Romeiras, e aqui estudado, foi recuperado durante limpezas promovidas no monumento por elementos do Centro Cultural do Crato, sendo então posteriormente cedido à UNIARQ para estudo.

Fig. 4 – Localização hipotética da Anta da Ferranha.

(1) na folha n.º 334 da Carta Militar de Portugal (esc. 1: 25 000), em relação a outros monumentos megalíticos na sua envolvente imediata: Tapada da Laje das Peles (2); Casa Nova (3); Menir da Casa Nova (4); Senhora da Redonda (5); Vale do Castelo (6); Vale da Anta 1 (7); Vale da Anta 2 (8); Vale da Anta 3 (9); Vale da Anta 4 (10); Couto de Biscaia 1 (11). Posição dos monumentos, segundo Parreira, 1996.



3. Espólio arqueológico: descrições gerais

Apresenta-se, de seguida, a descrição e caracterização morfo-tipológica dos materiais arqueológicos componentes dos conjuntos das Antas das Romeiras e da Ferranha. Foram referenciados pelo acrónimo definido para o monumento (AR = Anta das Romeiras; AF = Anta da Ferranha) seguido pelo número individual de inventário dentro de cada monumento. Para a descrição dos recipientes cerâmicos e artefactos de pedra polida, foram utilizados, adaptados à realidade em análise, os critérios descritivos apresentados por V. S. Gonçalves (1989, 2003). Para a descrição da placa de xisto gravada, foram seguidos os critérios descritivos utilizados actualmente no âmbito do projecto PLACA-NOSTRA (e expressos, por exemplo, em Gonçalves, 2004a, 2004b, 2011).

3.1. Anta das Romeiras

O espólio recuperado neste monumento encontra-se representado por elementos compreendidos nas seguintes categorias: *Artefactos de pedra polida*, *Recipientes cerâmicos* e *Artefactos relacionados com o Sagrado*.

3.1.1. Artefactos de pedra polida

Contam-se, nesta categoria, quatro elementos. Trata-se de uma enxada e três machados de anfibólito (ou rocha anfibólica) e fibrolite, referenciados com as designações AR-1, 8, 9 e 12.

AR-1

Enxada de anfibólito, de morfologia trapezoidal, perfil aplanado, bordos divergentes e

secção sub-rectangular. Apresenta gume convexo, em duplo bisel simétrico. O golpe de enxó (Gonçalves, 2008, p. 93) existe nos dois lados, o que é muito raro, e é, na face em que melhor se lê, convexo, simétrico. Seria este artefacto antes um machado pouco espesso, e não uma enxó?

As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 11,6 cm de comprimento; 4,4 cm de largura; 1,8 cm de espessura. Peso: 222,08 g.

Possui polimento total apenas no gume, apresentando polimento sumário nas faces e bordos.

Trata-se, segundo o Índice de espessamento ($\text{comprimento/espessura}$), de um exemplar médio, apresentando um índice de 6,44.

AR-8

Machado de anfibolito, de morfologia rectangular, perfil biconvexo, bordos rectilíneos e secção sub-rectangular. Apresenta gume convexo, em bisel duplo. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 14,4 cm de comprimento; 5,6 cm de largura; 4,4 cm de espessura. Peso: 664,93 g.

Possui polimento total no gume e faces, apresentando polimento sumário nos bordos.

Trata-se, segundo o Índice de espessamento ($\text{comprimento/espessura}$), de um exemplar espesso, apresentando um índice de 3,27.

AR-9

Machado de fibrolite, de morfologia triangular, perfil biconvexo, bordos divergentes e secção subcircular. Apresenta gume convexo assimétrico, em bisel duplo, rombo. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 11,1 cm de comprimento, 4,4 cm de largura, 3,7 cm de espessura. Está provido de sulco transversal de perfil côncavo, localizado na área mesial da peça. Peso: 347,37 g.

Possui polimento pouco cuidado, opondo-se ao acabamento cui-

dado da quase totalidade dos exemplares produzidos sobre esta matéria-prima conhecidos em contexto megalítico do Sul peninsular. Tal facto pode dever-se à própria qualidade do suporte, maioritariamente composto por componentes plagioclásticos, aparentemente feldspatos sódico-calcários (o que poderá provocar a sua alteração e parcial desagregação).

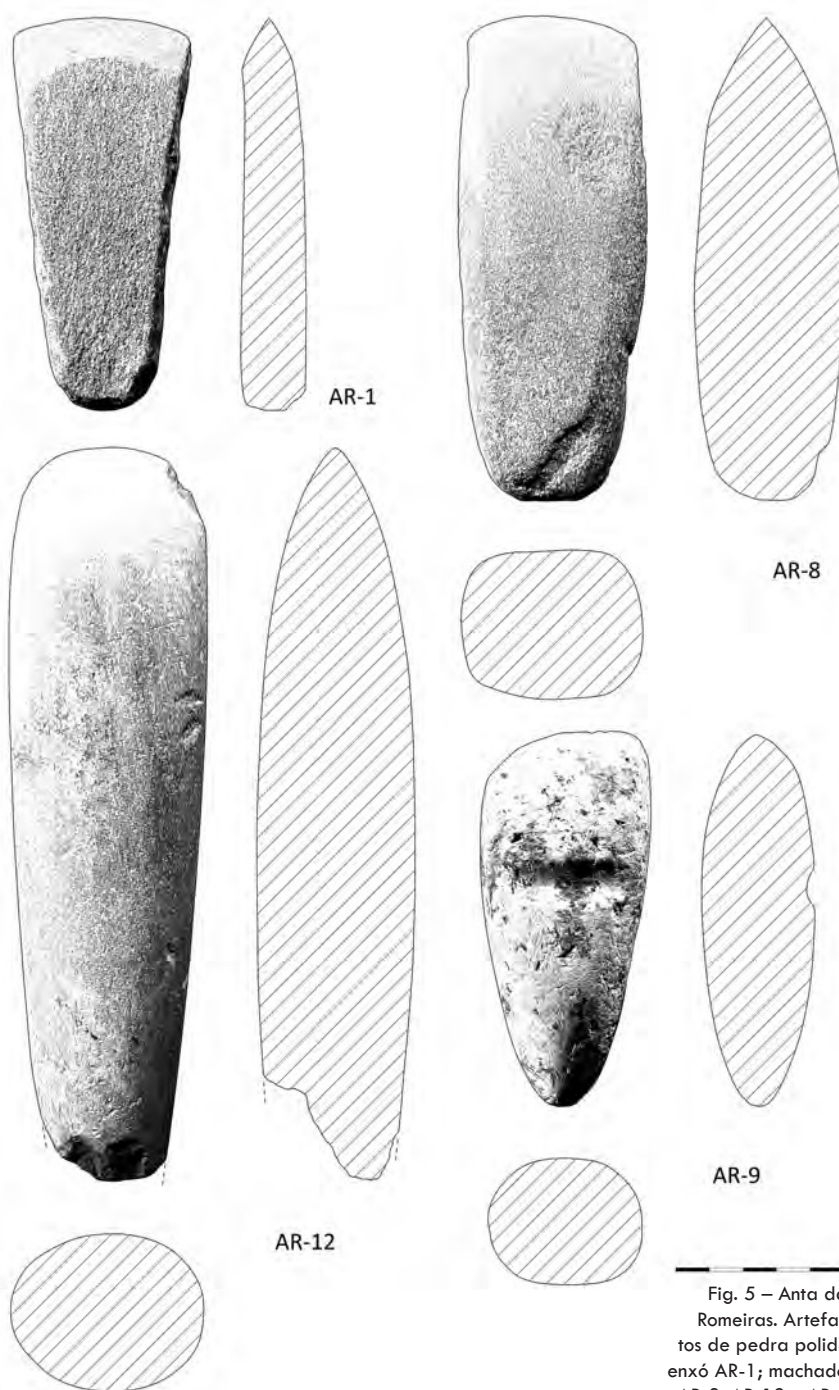
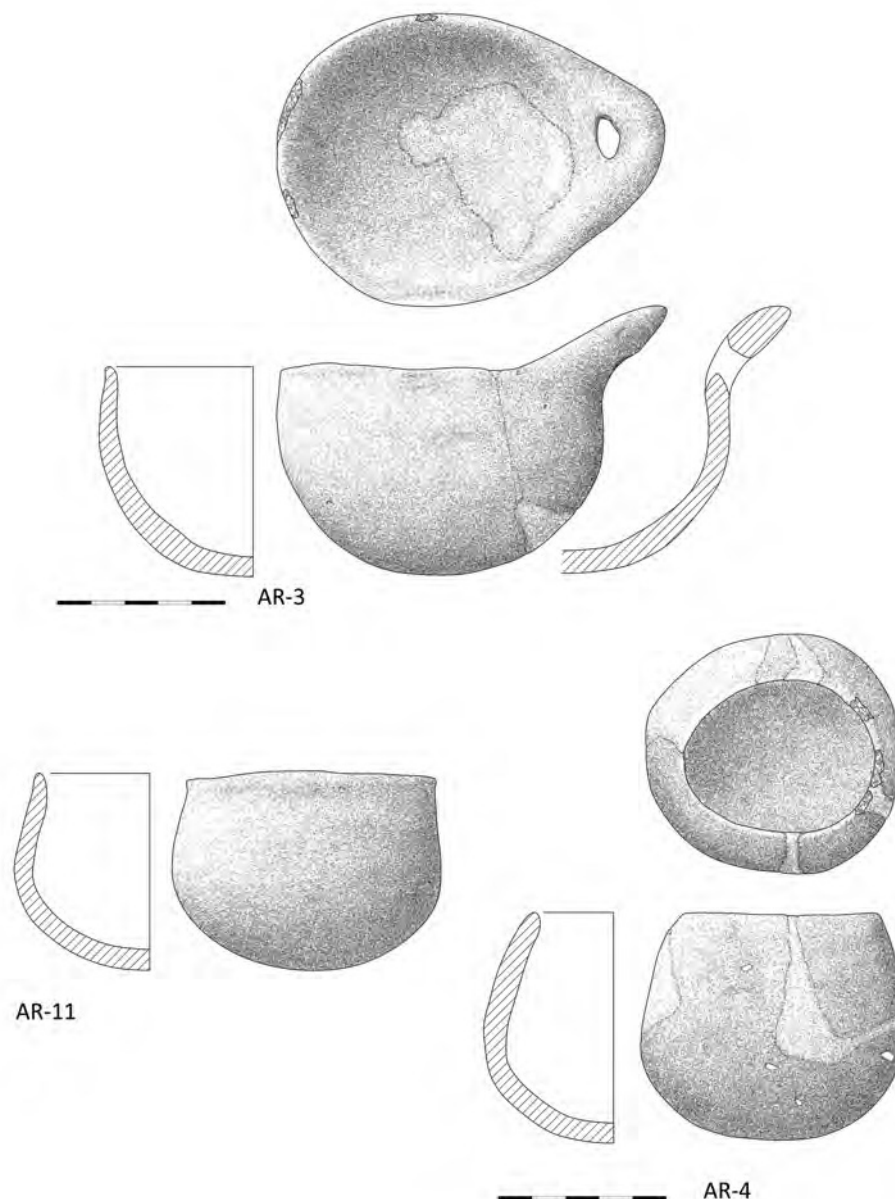


Fig. 5 – Anta das Romeiras. Artefactos de pedra polida, enxó AR-1; machados AR-8, AR-12 e AR-9.

Fig. 6 – Anta das Romeiras. Cerâmica da Anta das Romeiras. AR-3, 11 e 4.



Trata-se, segundo o Índice de espessamento (*comprimento/espessura*), de um exemplar espesso, com um índice de 3.

AR-12

Machado de rocha anfibólica, de morfologia trapezoidal alongada, perfil biconvexo, bordos convexos e secção subcircular. Apresenta

gume convexo, em bisel duplo. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 22,9 cm de comprimento conservados (encontra-se fracturado na extremidade proximal), 4,4 cm de largura; 3,7 cm de espessura. Peso: 1056,22 g.

Possui polimento total em todas as suas superfícies. Trata-se, segundo o Índice de espessa-

Quadro 1 – Anta das Romeiras: morfologia genérica dos artefactos de pedra polida.

Ref.	MP	Tipo	Morfologia	Perfil	Secção	Gume	Comp.	Larg.	Esp.
AR-1	Anfibolito	Enxó	Trapezoidal	Aplanado	Subrectangular	Convexo	11,6	4,4	1,8
AR-8	Anfibolito	Machado	Rectangular	Biconvexo	Subquadrangular	Convexo	14,4	5,6	4,4
AR-9	Fibrolite	Machado	Triangular	Biconvexo	Subcircular	Convexo assimétrico	11,1	4,4	3,7
AR-12	R. anfibólica	Machado	Trapezoidal	Biconvexo	Subcircular	Convexo	>22,9	5,9	4,7

mento (*comprimento/espessura*), de um exemplar médio, apresentando um índice $> 4,87$.

3.1.2. Recipientes cerâmicos

Os recipientes cerâmicos estão representados por sete exemplares, praticamente inteiros (tendo sido objecto de trabalhos leves de restauro). Trata-se de recipientes de pequenas

dimensões, com formas características do conjunto megalítico alto-alentejano, destacando-se a presença de pequenos vasos carenados do tipo *Crato-Nisa* (sobre a classificação morfo-tipológica deste tipo de recipiente cf. Andrade, 2014). Encontram-se registados com as referências AR-3, 4, 5, 6, 7, 10 e 11.

AR-3

Taça em calote aberta, provida de elemento

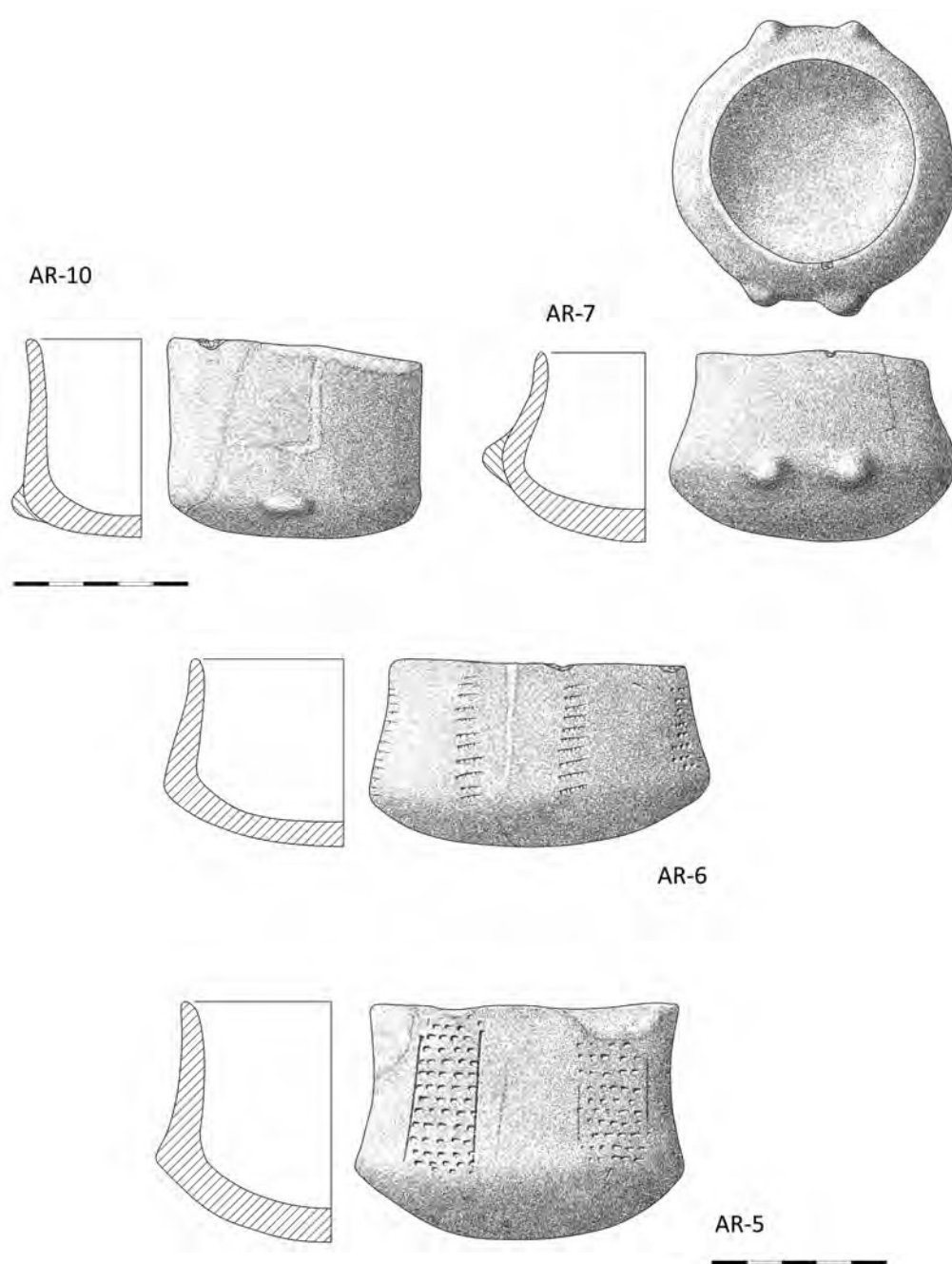


Fig. 7 – Anta das Romeiras. Cerâmica da Anta das Romeiras. AR-10, 7, 6 e 5.

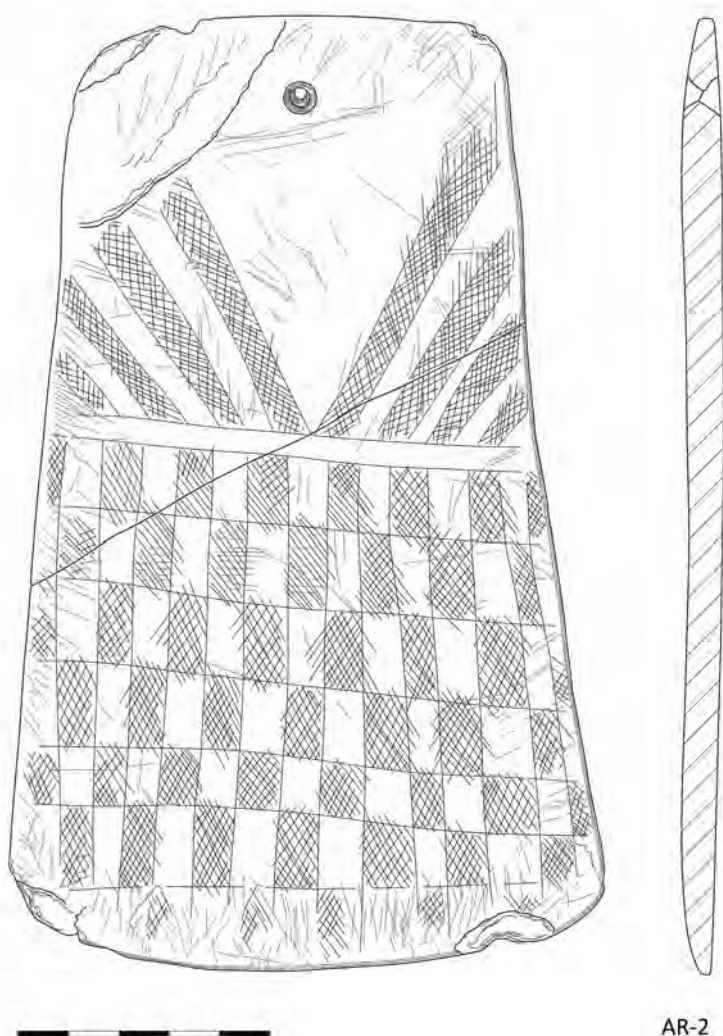


Fig. 8 – Anta das Romeiras. Placa de xisto gravada AR-2, sendo o Corpo constituído por um campo de xadrez.

de suspensão (ou preensão, ainda que menos provável, consideradas as dimensões e a finalidade funerária do recipiente), em forma de lingueta hemicíclica perfurada, partindo do bordo, assemelhando-se a um típico «cocho» alentejano e distinguindo-se dos «colherões» por vezes presentes em contextos funerários alto-alentejanos. Apresenta 8,6 cm de diâmetro externo, 8,2 cm de diâmetro interno e 8,4 cm de diâmetro do bojo. Regista 6,3 cm de altura e 5,6 cm de profundidade, tendo 0,3 cm de largura do lábio, 0,6 cm de espessura do bojo e 0,6 cm de espessura do fundo. Pasta compacta, de cozedura redutora e arrefecimento oxidante, com abundantes elementos não plásticos de fino calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos), tendo sido alisadas as suas superfícies.

AR-4

Pequeno esférico de boca elíptica, apresentando 6,0–4,9 cm de diâmetro externo, 5,6–4,5 cm de diâmetro interno e 7,6 cm de diâmetro do bojo. Regista 6,8 cm de altura e 6,2 cm de profundidade, tendo 0,4 cm de largura do lábio, 0,7 cm de espessura do bojo e 0,6 cm de espessura do fundo. Apresenta pasta compacta, de cozedura e arrefecimento oxidantes, com abundantes componentes não plásticos de fino a médio calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos), tendo as suas superfícies alisadas.

AR-5

Vaso carenado do tipo *Crato-Nisa* com decoração impressa. Corresponde a um exemplar da variante de fundo convexo/plano-convexo e corpo hiperboloide, apresentando 8,6 cm de diâmetro externo, 8,0 cm de diâmetro interno e 9,4 cm de diâmetro da carena. Regista 6,9 cm de altura e 5,9 cm de profundidade, tendo 0,4 cm de largura do lábio, 0,9 cm de espessura do bojo, 1,3 cm de espessura da carena e 1,0 cm de espessura do fundo. Apresenta pasta compacta, de cozedura e arrefecimento redutores, com abundantes componentes não plásticos de fino calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos), tendo as suas superfícies alisadas.

A decoração é composta por cinco colunas de fiadas horizontais de impressões, delimitadas por linhas incisivas verticais (embora em apenas uma destas colunas esta delimitação seja clara), disposta ao longo de todo o perímetro do colo do recipiente. Estas colunas apresentam dimensões médias de 4,2 cm de altura e 1,8 cm de largura. As impressões foram realizadas possivelmente com matriz denteada ou pente.

AR-6

Vaso carenado do tipo *Crato-Nisa*, correspondendo a um exemplar da variante de fundo convexo/plano-convexo e corpo troncocónico (paredes rectas envasadas), apresentando 8,8 cm de diâmetro externo, 8,0 cm de diâmetro interno e 9,7 cm de diâmetro da carena. Regista 5,3 cm de altura e 4,7 cm de profundidade, tendo 0,3 cm de largura do lábio, 0,8 cm de espessura do bojo, 0,9 cm de espessura da carena e 0,7 cm de espessura do fundo. Apresenta pasta compacta,



de cozedura e arrefecimento redutores, com abundantes componentes não plásticos de fino a médio calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos), tendo as suas superfícies alisadas.

A decoração deste recipiente é composta por nove colunas de impressões realizadas com matriz denteada (divergindo o denteado daquele presente no recipiente AR-5), disposta ao longo de todo o perímetro do colo do recipiente. Estas colunas apresentam dimensões médias de 3 cm de altura e 0,7 cm de largura.

AR-7

Vaso carenado do tipo *Crato-Nisa*, correspondendo a um exemplar da variante de fundo convexo /plano-convexo e corpo troncocó-

nico (paredes rectas envasadas), apresentando 6,4 cm de diâmetro externo, 5,6 cm de diâmetro interno e 8,1 cm de diâmetro da carena. Regista 5,4 cm de altura e 4,5 cm de profundidade, tendo 0,3 cm de largura do lábio, 0,6 cm de espessura do bojo, 0,7 cm de espessura da carena e 0,9 cm de espessura do fundo. Pasta compacta, de cozedura redutora e arrefecimento oxidante, com abundantes componentes não plásticos de fino calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos), tendo as suas superfícies alisadas.

Apresenta dois pares de mamilos hemisféricos aplicados sobre a carena, localizados em lados opostos do recipiente.

AR-10

Vaso carenado do tipo *Crato-Nisa*, correspon-

Fig. 9 – Anta das Romeiras, pedra polida. Enxó AR-1.

Fig. 10 (à esquerda) – Anta das Romeiras, pedra polida. machados AR-8 e 9.



AR-12

Fig. 11 – Anta das Romeiras, pedra polida. Machado AR-12.

dendo a um exemplar da variante de fundo convexo ou plano-convexo e corpo cilíndrico (paredes rectas verticais), assemelhando-se praticamente a um copo. Apresenta 7,2 cm de diâmetro externo, 6,4 cm de diâmetro interno e 7,1 cm de diâmetro da carena. Regista 5,7 cm de altura e 5 cm de profundidade, tendo 0,4 cm de largura do lábio, 0,7 cm de espessura do bojo, 0,9 cm de espessura da carena e 0,6 cm de espessura do fundo. Pasta compacta, de cozedura e arrefecimento redutores, com abundantes componentes não plásticos de fino calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos), tendo as suas superfícies alisadas. Apresenta dois pequenos mamilos alongados aplicados sobre a carena, localizados em lados opostos do recipiente.

AR-11

Taça fechada de bordo ligeiramente exvertido, apresentando 8,6 cm de diâmetro externo, 8,2 cm de diâmetro interno e 8,1 cm de diâmetro do bojo. Regista 5,9 cm de altura e 5,2 cm de profundidade, tendo 0,3 cm de largura do lábio, 0,6 cm de espessura do bojo e 0,7 cm de espessura do fundo. Pasta compacta, de cozedura redutora e arrefecimento oxidante, com abundantes componentes não plásticos, de fino a médio calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos), tendo as suas superfícies alisadas.



Fig. 12 – Anta das Romeiras. Vasos cerâmicos.

Em baixo, detalhe dos «Seios da Deusa» no vaso AR-7.



Fig. 13 – Anta das Romeiras. Recipiente do tipo Crato-Nisa AR-7, com dois pares de «Seios». Diâmetro do bordo, externo (dbe): 6,4 cm.

Fig. 14 (à direita) – Anta das Romeiras. «Cocho» de cerâmica AR-3. Dbe: 8,6 cm.

Ref.	Forma	Tipo	Estado	DIA	DEA	DBJ	Alt.	IA	IP	Esp. Brd.	Esp. Bj.
AR-3	A	«Cocho»	Inteiro	8,2	8,6	8,4	6,3	102,38	73,25	0,3	0,6
AR-4	F	Esférico	Inteiro	5,6/4,5	6,0/4,9	7,6	6,8	78,95	113,33	0,4	0,7
AR-5	F	Vaso carenado (C/N)	Inteiro	8,0	8,6	9,4	6,9	91,49	80,23	0,4	0,9
AR-6	F	Vaso carenado (C/N)	Inteiro	8,0	8,8	9,7	5,3	90,72	60,23	0,3	0,8
AR-7	F	Vaso carenado (C/N)	Inteiro	5,6	6,4	8,1	5,4	79,01	84,37	0,3	0,6
AR-10	A	Vaso carenado (C/N)	Inteiro	6,4	7,2	7,1	5,7	101,41	79,17	0,4	0,7
AR-11	F	Taça	Inteiro	6,4	7,2	8,1	5,9	88,89	81,94	0,3	0,6

Quadro 2 – Anta das Romeiras: principais medidas de referência dos recipientes cerâmicos.

DIA: Diâmetro Interno de Abertura, em cm; DEA: Diâmetro Externo de Abertura, em cm; DBJ: Diâmetro Bojo, em cm; Alt.: Altura Total, em cm; IA: Índice de Abertura (DEA x 100 /DBJ); IP: Índice de Profundidade (Alt. x 100 /DEA); Esp. Brd.: Espessura do Bordo, em cm; Esp. Bj.: Espessura do Bojo, em cm.

Ref.	Tipo Bordo	Perfil Bordo	Dir. Bordo	Pasta	Cozedura	Arrefec.	ENP n.º	ENP dim.	Trat. Sup.
AR-3	Não esp.	Biselado	Recto	Compacta	Redutor	Oxidante	Abundantes	Finos	Alisada
AR-4	Não esp.	Arredondado	Recto	Compacta	Oxidante	Oxidante	Abundantes	Finos-Médios	Alisada
AR-5	Não esp.	Arredondado	Recto	Compacta	Redutor	Redutor	Abundantes	Finos	Alisada
AR-6	Não esp.	Arredondado	Recto	Compacta	Redutor	Redutor	Abundantes	Finos-Médios	Alisada
AR-7	Não esp.	Arredondado	Recto	Compacta	Redutor	Oxidante	Abundantes	Finos	Alisada
AR-10	Não esp.	Arredondado	Recto	Compacta	Redutor	Redutor	Abundantes	Finos	Alisada
AR-11	Não esp.	Arredondado	Exvertido	Compacta	Redutor	Oxidante	Abundantes	Finos-Médios	Alisada

Quadro 3 – Anta das Romeiras: morfologia do bordo, pastas e acabamentos dos recipientes cerâmicos.

3.1.3. Artefactos relacionados com o Sagrado

Um único elemento se enquadra nesta categoria (AR-2). Trata-se de uma placa usando como suporte xisto ardoso de tonalidade escura (Munsell GLEY 1 3.5/N, dark gray a very dark

gray). Apresenta recorte sub-trapezoidal, com uma altura média de 19 cm, para uma largura de 14,7 cm na base e 8,4 cm no topo, estando lascada no canto superior esquerdo.

A Cabeça apresenta uma altura de 8,3 cm, tendo a sua decoração formada por faixas



Fig. 15 – Anta das Romeiras. Recipientes do tipo Crato-Nisa AR-5 (em cima) e AR-6. Dbe 8.6 cm e 8.8.

Fig. 16 (à esquerda) – Anta das Romeiras. Detalhe da banda vertical, contendo impressões circulares, de AR-5.

Fig. 17 – Anta das Romeiras. Detalhes das impressões lineares, horizontais, em agrupamento vertical não delimitado, de AR-6.

oblíquas-verticais preenchidas (quatro em ambos lados, compondo as faixas interiores a «Cabeça dentro da Cabeça») convergindo dos bordos da placa para o separador Cabeça/Corpo, sendo este, com 0,5 cm de altura, formado por uma banda lisa.

O motivo dominante do Corpo (apresentando este cerca de 10,2 cm de altura) é o campo de xadrez, composto por sete linhas e 14 colunas configurando células de feição rectangular vertical. A espessura média desta placa é de cerca de 0,8 cm, apresentando perfuração bitroncocónica com 0,6 cm de diâmetro na face e 0,5 cm no verso. Trata-se, segundo o Índice de alongamento (*altura/largura da base*), de uma placa média, oferecendo um índice de 1,29.





A placa, para além de alguns vestígios de lascagem pós deposicional junto aos bordos, encontra-se fracturada em duas porções, tendo sido recolhida. A decoração encontra-se bastante afectada por factores pós-deposicionais, tendo o seu contorno sido reavivado com artefacto metálico, talvez um canivete, possivelmente por alturas da sua recolha.

3.2. Anta da Ferranha

O espólio recuperado neste monumento encontra-se representado por elementos compreendidos nas seguintes categorias: *Artefactos de pedra lascada*, *Artefactos de pedra afeiçãoada*, *Artefactos de pedra polida*, *Recipientes cerâmicos* e *Artefactos relacionados com o Sagrado*.

3.2.1. Artefactos de pedra lascada

Nesta categoria, conta-se com um único ele-

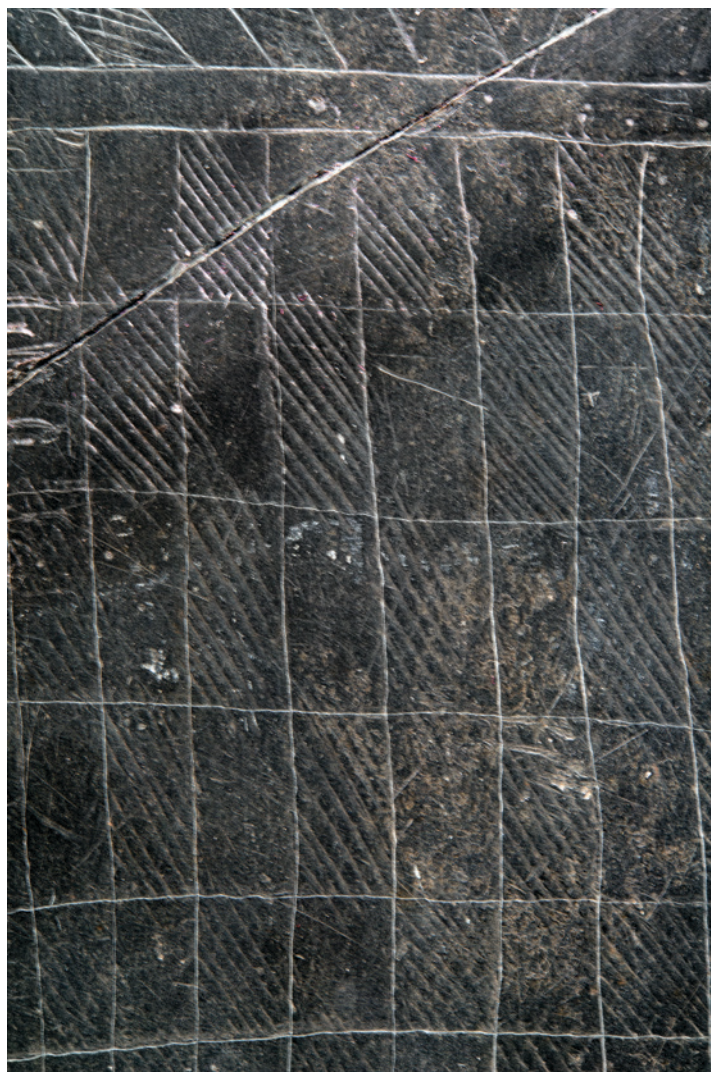


Fig. 18 – Anta das Romeiras. Placa de xisto gravada AR-2.

Fig. 19 – Anta das Romeiras. Detalhe do Separador Cabeça-Corpo e do Corpo da placa AR-2.

mento, referindo-se a uma lâmina de sílex não retocada (AF-1). Apresenta-se inteira, correspondendo a um exemplar de fase plena de debitagem, obtida por pressão. O talão é facetado, resultante da preparação do plano de debitagem. O bolbo, nítido, apresenta-se esquirolado. A secção é trapezoidal, apresentando os bordos sensivelmente paralelos, com perfil convexo.

Tem 13,4 cm de comprimento, uma largura de 2,3 cm na extremidade distal e de 1,4 cm na extremidade proximal, com uma espessura média de 0,5 cm. Peso: 19,62 g.

O sílex, de tonalidade esbranquiçada com alguns pequenos zonamentos avermelhados (óxidos de ferro), é de boa qualidade, de grão fino, apresentando textura *mudstone*. Uma análise macroscópica permite evidenciar, para além de óxidos de ferro, escassos



Fig. 20 – Anta das Romeiras. Perfuração face-verso e verso face da placa AR-2.

componentes microquártzicos, não sendo perceptíveis quaisquer vestígios bioclásticos preservados. Aparentemente, apresenta características típicas das silicificações cenomanianas da área estremenha (sendo obviamente necessária outra escala de análise para confirmar esta hipótese).
Indicação de proveniência: «Intervalo entre os esteios 6 e 7».

3.2.2. Artefactos de pedra afeiçoada

Um único elemento se conta nesta categoria, um polidor ou afiador de gnaiss (AF-15). Apresenta contorno sensivelmente elíptico, com 15,6 cm de comprimento e 8,8 cm de largura, com cerca de 1,8 cm de espessura média. Peso: 408,62 g.
O verso apresenta-se aplanado, mostrando ainda negativos da lascagem de conformação; a face (correspondendo à área operante) apresenta superfície côncava, resultante da sua utilização enquanto polidor. Para além destas,

apresenta outras marcas de uso, nomeadamente sulcos sensivelmente paralelos marcados no sentido longitudinal da peça, podendo corresponder a vestígios da sua utilização enquanto afiador.

3.2.3. Artefactos de pedra polida

Incluem-se-se, nesta categoria, quatro elementos. Tratam-se de duas enxós e dois machados usando anfíbolito como suporte, referenciados com as designações AF-2, 21, 22 e 23.

AF-2

Enxó de anfíbolito, de morfologia rectangular, perfil aplanado, bordos rectilíneos e secção sub-rectangular. Apresenta gume convexo, em bisel duplo assimétrico. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 11 cm de comprimento, 4 cm de largura, 1,7 cm de espessura. Apresenta 177,44 g de peso.
Possui polimento total apenas no gume, polimento sumário nas faces e bordos.
Trata-se, segundo o Índice de espessamento ($\text{comprimento/espessura}$), de um exemplar médio, oferecendo um índice de 6,47 cm.
Indicação de proveniência: «Junto ao esteio 2».

AF-21

Enxó de anfíbolito, de morfologia trapezoidal, perfil aplanado, bordos divergentes e secção sub-rectangular. Apresenta gume convexo assimétrico, em duplo bisel assimétrico. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 10,7 cm de comprimento, 4,2 cm de largura, 1,7 cm de espessura. Peso: 168,08 g.
Possui polimento total apenas no gume, apresentando polimento sumário nas faces e bordos.
Trata-se, segundo o Índice de espessamento ($\text{comprimento/espessura}$), de um exemplar médio, oferecendo um índice de 6,29.

AF-22

Machado de anfíbolito, de morfologia rectangular, perfil biconvexo, bordos rectilíneos e secção subquadrangular. Apresenta gume convexo, em duplo bisel. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 18,2 cm de comprimento; 4,2 cm de largura; 3,2 cm de espessura. Peso: 626,05 g.
Possui polimento total no gume e faces, apresentando polimento sumário nos bordos.

Ref.	MP	Tipo	Morfologia	Perfil	Secção	Gume	Comp.	Larg.	Esp.
AF-2	Anfibolito	Enxó	Rectangular	Aplanado	Subrectangular	Convexo	11	4	1,7
AF-21	Anfibolito	Enxó	Trapezoidal	Aplanado	Subrectangular	Convexo assimétrico	10,7	4,2	1,7
AF-22	Anfibolito	Machado	Rectangular	Biconvexo	Subquadrangular	Convexo	18,2	4,2	3,2
AF-23	Anfibolito	Machado	Trapezoidal	Biconvexo	Subquadrangular	Convexo	14,4	5	3,4

Quadro 4 – Anta da Ferranha: morfologia dos artefactos de pedra polida.

Trata-se, segundo o Índice de espessamento (*comprimento/espessura*), de um exemplar médio, oferecendo um índice de 5,68.

AF-23

Machado de anfibolito, de morfologia trapezoidal, perfil biconvexo, bordos divergentes e secção subquadrangular. Apresenta gume convexo, em duplo bisel. As suas dimensões, medidas num ponto médio, são: 14,4 cm de comprimento, 5 cm de largura, 3,4 cm de espessura. Apresenta 489,73 g de peso.

Possui polimento total, no gume e faces, apresentando polimento sumário nos bordos, onde conserva negativos de lascagem de conformação.

Trata-se, segundo o Índice de espessamento (*comprimento/espessura*), de um exemplar médio, oferecendo um índice de 4,23.

Indicação de proveniência: «Acompanhava a placa junto à entrada da Câmara».

3.2.4. Recipientes cerâmicos

Os recipientes cerâmicos estão representados por 11 registos, referindo-se a elementos que conservam apenas partes de bordo ou bojo. Encontram-se registados com as referências AF-3 a 14.

AF-3

Fragmento de bordo de grande recipiente esferoidal, apresentando 29,8 cm de diâmetro externo, 27,8 cm de diâmetro interno e 34,2 cm de diâmetro do bojo. Regista 1,1 cm de largura do lábio e 1,2 cm de espessura do bojo. Apresenta pasta compacta, de cozedura redutora e arrefecimento oxidante, com abundantes componentes não plásticos de fino calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos), tendo as suas superfícies alisadas.

AF-4

Fragmento de bojo de pequeno recipiente de forma indeterminada, apresentando pasta compacta, de cozedura redutora e arrefecimento

oxidante, com abundantes componentes não plásticos de fino calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos). Apresenta engobe vermelho nas superfícies interna e externa.

AF-5

Fragmento de bojo de vaso carenado do tipo *Crato-Nisa*, apresentando 11,4 cm de diâmetro da carena. Apresenta pasta compacta, de cozedura redutora e arrefecimento oxidante, com abundantes componentes não plásticos de fino calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos), tendo as suas superfícies alisadas.

AF-6

Fragmento de bordo de grande recipiente esferoidal, apresentando 26 cm de diâmetro externo, 24,8 cm de diâmetro interno e 28,8 cm de diâmetro do bojo. Regista 0,6 cm de largura do lábio e 1,2 cm de espessura do bojo. Apresenta pasta compacta, de cozedura redutora e arrefecimento oxidante, com abundantes componentes não plásticos de fino calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos), tendo as suas superfícies alisadas.

AF-7

Fragmento de bojo de grande vaso carenado, apresentando 25,4 cm de diâmetro da carena. Apresenta pasta compacta, de cozedura redutora e arrefecimento oxidante, com abundantes componentes não plásticos de fino calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos), tendo as suas superfícies alisadas. Apresenta perfuração abaixo da carena, com cerca de 1,2 cm de diâmetro, realizada posteriormente à cozedura.

AF-8+14

Fragmento de bordo de grande recipiente esferoidal, apresentando 38,2 cm de diâmetro externo, 36 de diâmetro interno e 40,4 cm de diâmetro do bojo. Regista 1,1 cm de largura do lábio e 1 de espessura do bojo. Apresenta pasta compacta, de cozedura redutora e arrefecimento oxidante, com abundantes componentes

não plásticos de fino calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos), tendo as suas superfícies alisadas.

AF-9

Fragmento de bordo de grande recipiente de colo estrangulado, apresentando 21,8 cm de diâmetro externo e 20,6 cm de diâmetro interno. Regista 0,7 cm de largura do lábio. Apresenta pasta compacta, de cozedura oxidante e arrefecimento parcialmente redutor, com abundantes componentes não plásticos de fino calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos), tendo as suas superfícies alisadas.

AF-10

Fragmento de bordo de grande recipiente esferoidal, apresentando 30,8 cm de diâmetro externo, 29,4 cm de diâmetro interno e 36,8 cm de diâmetro do bojo. Regista 0,8 cm de largura do lábio e 1,3 cm de espessura do bojo. Apresenta pasta compacta, de cozedura e arrefecimento oxidante, com abundantes componentes não plásticos de fino calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos), tendo as suas superfícies alisadas.

Apresenta perfuração abaixo do bordo, com cerca de 1,2 cm de diâmetro, realizada posteriormente à cozedura.

AF-11

Fragmento de bordo de grande recipiente esferoidal mamilado, apresentando 30,8 cm de diâmetro externo, 29,4 cm de diâmetro interno e 36,8 cm de diâmetro do bojo. Regista 0,9 cm de largura do lábio e 1,1 cm de espessura do bojo. Apresenta pasta compacta, de cozedura redutora e arrefecimento oxidante, com abundantes componentes não plásticos de fino calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos), tendo as suas superfícies alisadas.

AF-12

Fragmento de bordo de grande recipiente esferoidal mamilado, apresentando 35,8 cm de diâmetro externo, 33,6 cm de diâmetro interno e 42 cm de diâmetro do bojo. Regista 1,1 cm de largura do lábio e 1,2 cm de espessura do bojo. Apresenta pasta compacta, de cozedura redutora e arrefecimento oxidante, com abundantes componentes não

Quadro 5 – Anta da Ferranha: principais medidas de referência dos recipientes cerâmicos.

Ref.	Forma	Tipo	Estado	DIA	DEA	DBJ	Alt.	IA	IP	Esp. Brd.	Esp. Bj.
AF-3	F	Esferoidal	Bordo	27,8	29,8	34,2	?	87,13	?	1,1	1,2
AF-4	?	?	Bojo	?	?	?	?	?	?	?	0,4
AF-5	F	Vaso carenado (C/N)	Bojo	?	?	11,4	?	?	?	?	0,8
AF-6	F	Esferoidal	Bordo	24,8	26	28,8	?	90,28	?	0,6	1,2
AF-7	F	Vaso carenado	Bojo	?	?	25,4	?	?	?	?	1
AF-8+14	F	Esferoidal	Bordo	36	38,2	40,4	?	94,55	?	1,1	1
AF-9	F	Rec. colo estrangulado	Bordo	20,6	21,8	?	?	?	?	0,7	?
AF-10	F	Esferoidal	Bordo	29,4	30,8	36,8	?	83,70	?	0,8	1,3
AF-11	F	Esferoidal mamilado	Bordo	27,6	29,2	35,6	?	82,92	?	0,8	1,1
AF-12	F	Esferoidal mamilado	Bordo	33,6	35,8	42	?	85,24	?	1,1	1,2
AF-13	F	Esferoidal	Bordo	29,6	31,6	35,6	?	88,76	?	1	1,1

DIA: Diâmetro Interno de Abertura, em cm; DEA: Diâmetro Externo de Abertura, em cm; DBJ: Diâmetro Bojo, em cm; Alt.: Altura Total, em cm; IA: Índice de Abertura (DEA x 100 /DBJ); IP: Índice de Profundidade (Alt. x 100 /DEA); Esp. Brd.: Espessura do Bordo, em cm; Esp. Bj.: Espessura do Bojo, em cm.

Quadro 6 – Anta da Ferranha: morfologia do bordo, pastas e acabamentos dos recipientes cerâmicos.

Ref.	Tipo Bordo	Perfil Bordo	Dir. Bordo	Pasta	Cozedura	Arrefec.	ENP n.º	ENP dim.	Trat. Sup.
AF-3	Não esp.	Aplanado	Recto	Compacta	Redutora	Oxidante	Abundantes	Finos	Alisada
AF-4	?	?	?	Compacta	Redutora	Oxidante	Abundantes	Finos	Almagrada
AF-5	?	?	?	Compacta	Redutora	Oxidante	Abundantes	Finos	Alisada
AF-6	Não esp.	Arredondado	Recto	Compacta	Redutora	Oxidante	Abundantes	Finos	Alisada
AF-7	?	?	?	Compacta	Redutora	Oxidante	Abundantes	Finos	Alisada
AF-8+14	Não esp.	Aplanado	Recto	Compacta	Redutora	Oxidante	Abundantes	Finos	Alisada
AF-9	Não esp.	Arredondado	Recto	Compacta	Oxidante	Redutor	Abundantes	Finos	Alisada
AF-10	Não esp.	Arredondado	Recto	Compacta	Oxidante	Oxidante	Abundantes	Finos	Alisada
AF-11	Não esp.	Arredondado	Recto	Compacta	Redutora	Oxidante	Abundantes	Finos	Alisada
AF-12	Não esp.	Arredondado	Recto	Compacta	Redutora	Oxidante	Abundantes	Finos	Alisada
AF-13	Não esp.	Arredondado	Recto	Compacta	Redutora	Oxidante	Abundantes	Finos	Alisada

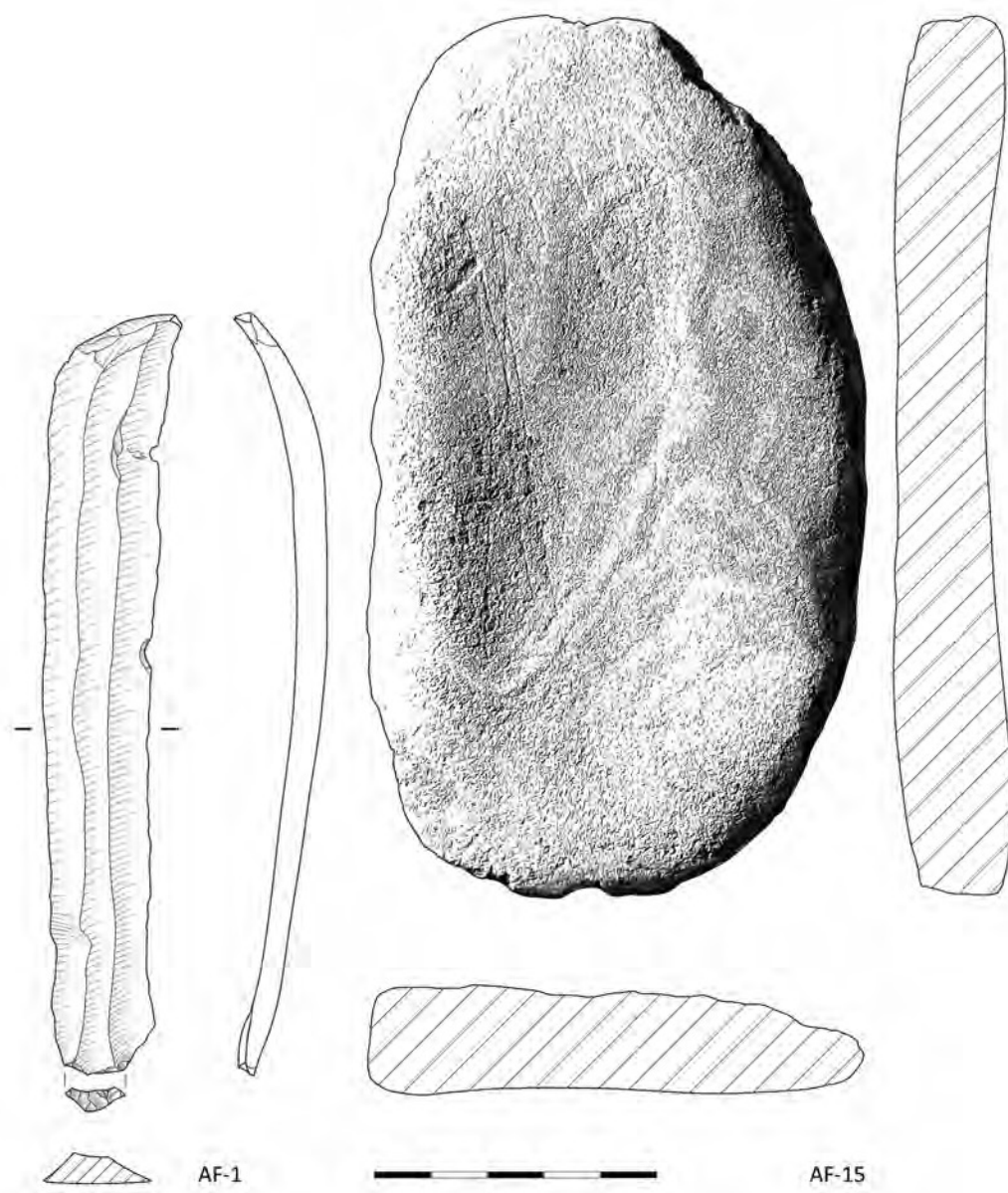


Fig. 21 – Anta da Ferranha. Lâmina de sílex AF-1 e polidor-afiador AF-15.

plásticos de fino calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos), tendo as suas superfícies alisadas.

AF-13

Fragmento de bordo de grande recipiente esférico, apresentando 31,6 cm de diâmetro externo, 29,6 cm de diâmetro interno e 35,6 cm de diâmetro do bojo. Regista 1 cm de largura do lábio e 1,1 cm de espessura do bojo. Apresenta pasta compacta, de cozedura redutora e arrefecimento oxidante, com abundantes componentes não plásticos de fino calibre (quartzo sub-rolado, moscovite e feldspatos), tendo as suas superfícies alisadas.

3.2.5. Artefactos relacionados com o Sagrado

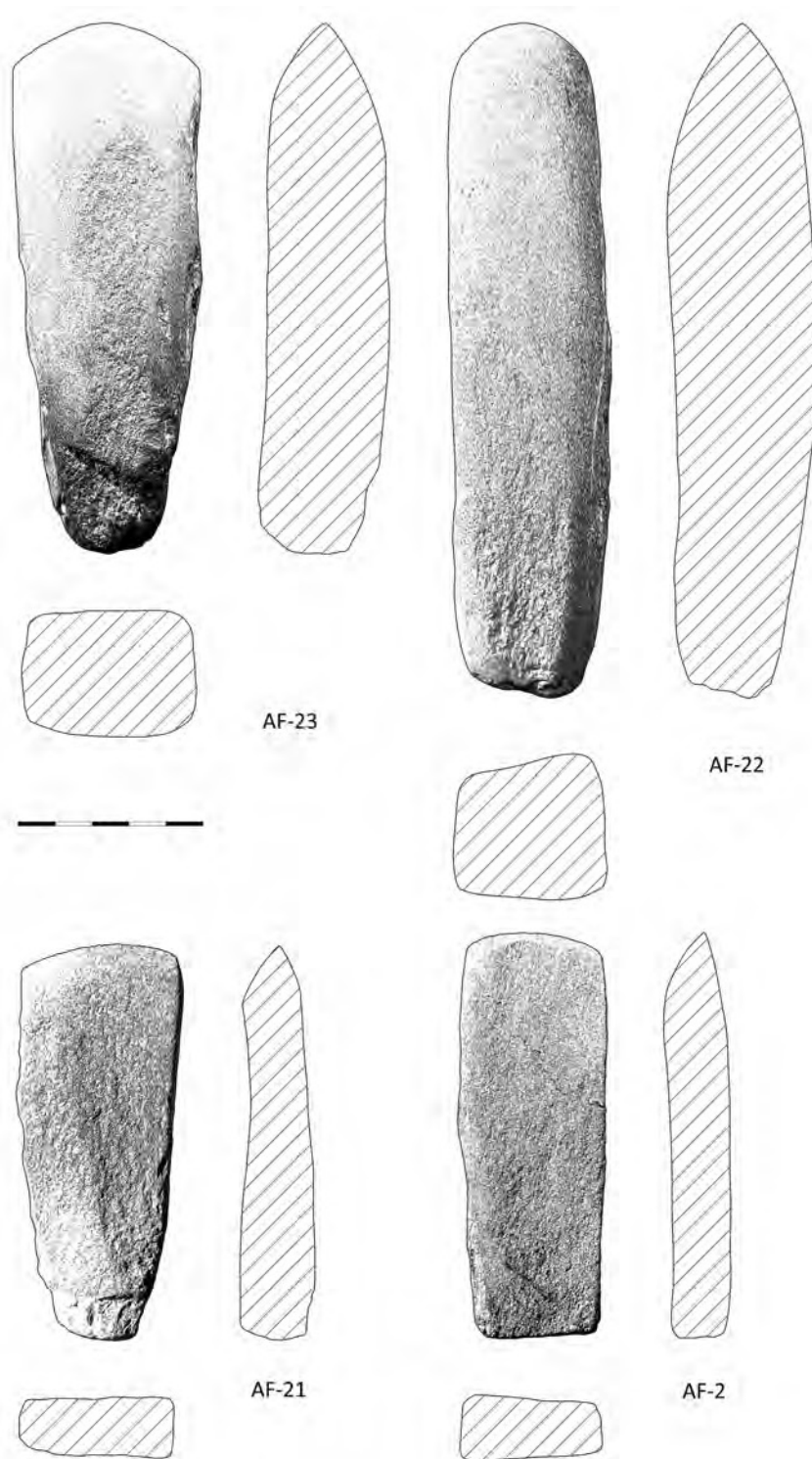
Nesta categoria registam-se três exemplares de placas de grés (AF-16 a 18), a par de dois fragmentos de outras duas placas (AF-19 a 20), tratando-se exclusivamente de exemplares lisos.

AF-16

Placa de grés lisa, de contorno vincadamente hiperbolóide, com uma altura média de 12,5 cm, para uma largura de 5,3 cm na base, 5,6 cm no topo e 4,2 cm na área mesial. A espessura média desta placa é de cerca de 1,7 cm, apresentando faces de superfície côncava. Peso: 239,48 g.

Trata-se, segundo o Índice de alongamento

Fig. 22 – Anta da Ferranha. Artefactos de pedra polida, machados AF-23 e 22; enxós AF-21 e 2.



(altura/largura da base), de uma placa alongada, com um índice de 2,36.

AF-17

Placa de grés lisa, de contorno subrectangu-

lar, com uma altura média de 17,9 cm, para uma largura de 11,8 cm na base e 10,2 cm no topo. A espessura média desta placa é de cerca de 1,7 cm, apresentando face côncava e verso aplanado.

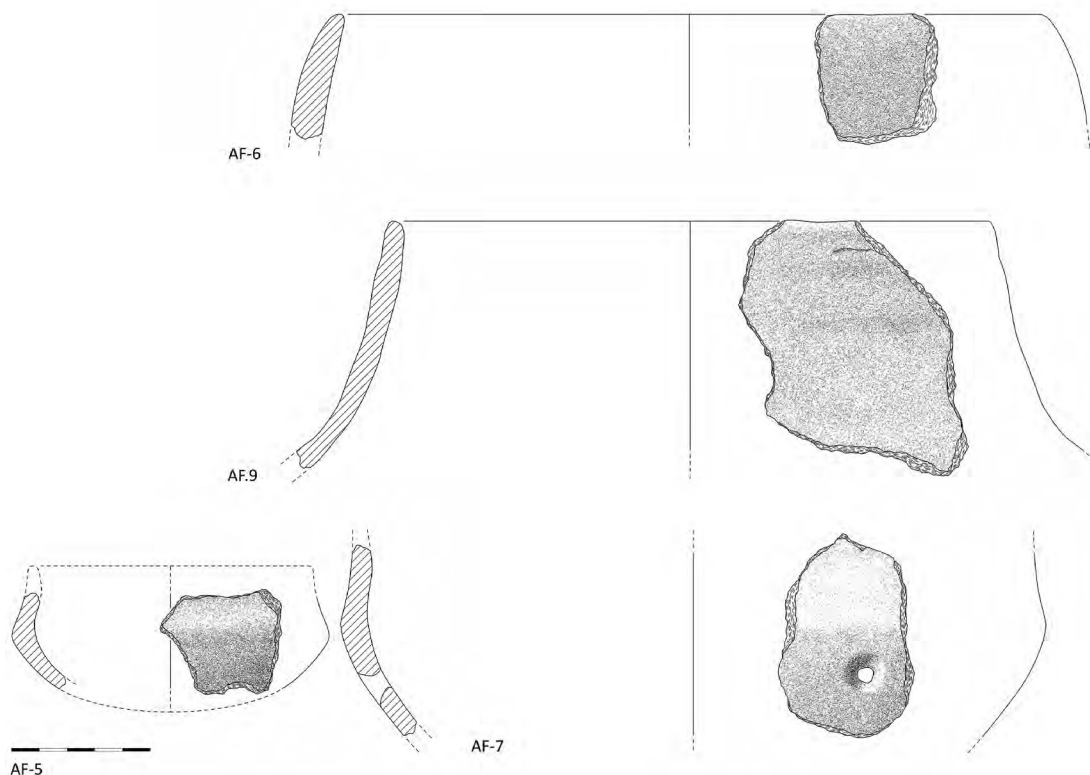


Fig. 23 – Anta da Ferranha. Cerâmica.

1. À exceção de AF-5, tratam-se de vasos de grandes dimensões para um contexto funerário. AF-9 é um vaso de colo estrangulado, e AF - 7, um pote carenado comuns na segunda metade do III milénio.

Trata-se, segundo o Índice de alongamento (*altura /largura da base*), de uma placa média, com um índice de 1,52.

Encontra-se fragmentada em cinco partes, tendo sido recolada. Peso: 677,77 g.

AF-18

Placa de grés lisa, de contorno ligeiramente hiperboloide, com uma altura média de 10,6 cm, para uma largura de 6,8 cm na base, 5,8 cm no topo e 5,4 cm na área mesial. A espessura média desta placa é de cerca de 1,8 cm, apresentando faces de superfície suavemente côncavas.

Trata-se, segundo o Índice de alongamento (*altura/largura da base*), de uma placa média, oferecendo um índice de 1,56. Peso: 205,80 g.

AF-19

Fragmento mesial de placa de grés lisa, de contorno indefinível, com 5,2 cm de largura e 1,6 cm de espessura (restantes medidas indetermináveis).

AF-20

Fragmento de placa de grés lisa, possivelmente correspondente a parte do bordo esquerdo da peça, com 1,3 cm de espessura (restantes medidas indetermináveis).

A aparente inflexão que se regista no contorno do bordo poderá indicar que se trata de uma placa de contorno vincadamente hiperbolóide, semelhante a AF-16.

4. As observações possíveis: as Antas das Romeiras e da Ferranha no contexto do Grupo Megalítico de Crato-Nisa

Como já foi referido, o Megalitismo alto-alentejano poderia ser definido de acordo com os contornos estritos actuais do distrito de Portalegre, circunstância baseada na distribuição geográfica dos monumentos e na homogeneidade dos rituais funerários a eles associados (a nível de composição arquitectónica dos monumentos e respectivos mobiliários votivos). Com efeito, parece evidenciar-se aqui, num espaço geograficamente delimitado pelas cadeias

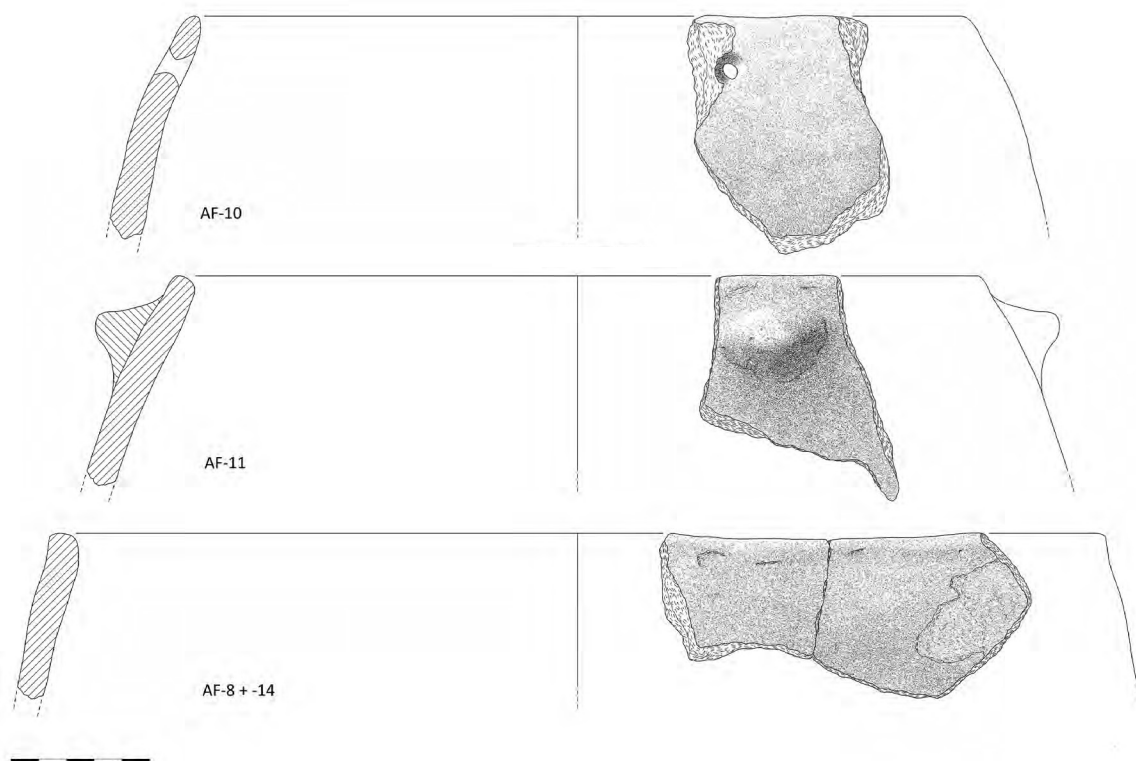


Fig. 24 – Anta da Ferranha. Cerâmica.
AF - 10, 11 e 8+14.

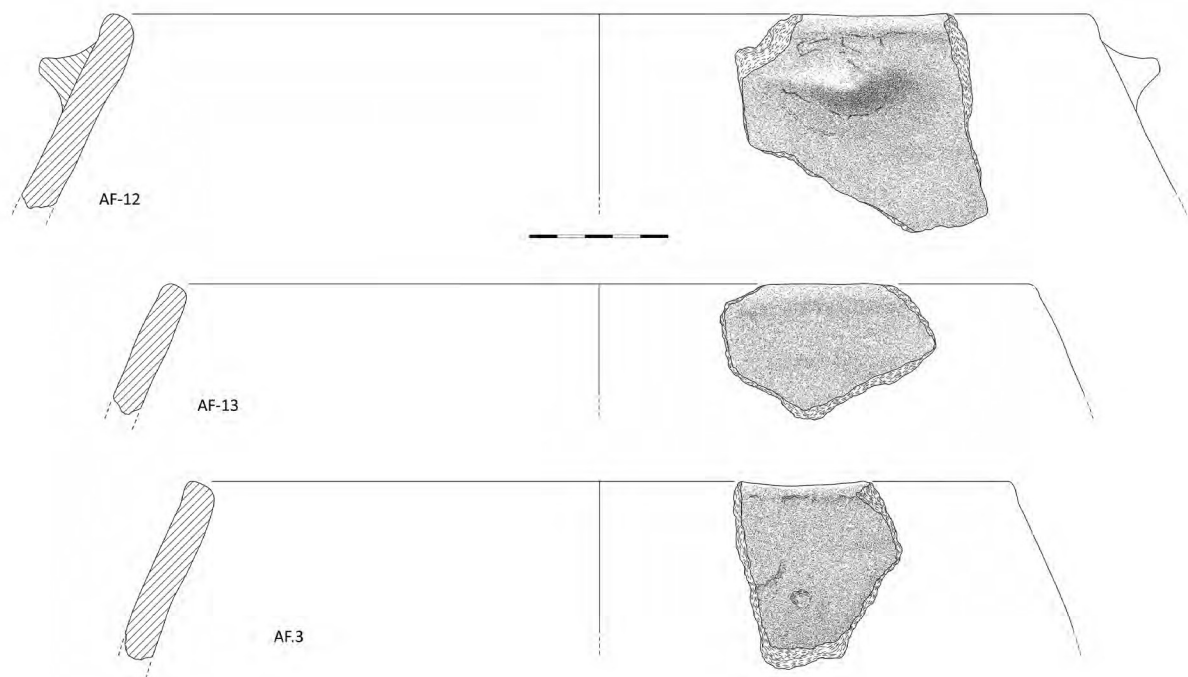


Fig. 25 – Anta da Ferranha. Cerâmica.
AF - 12, 13 e 3.

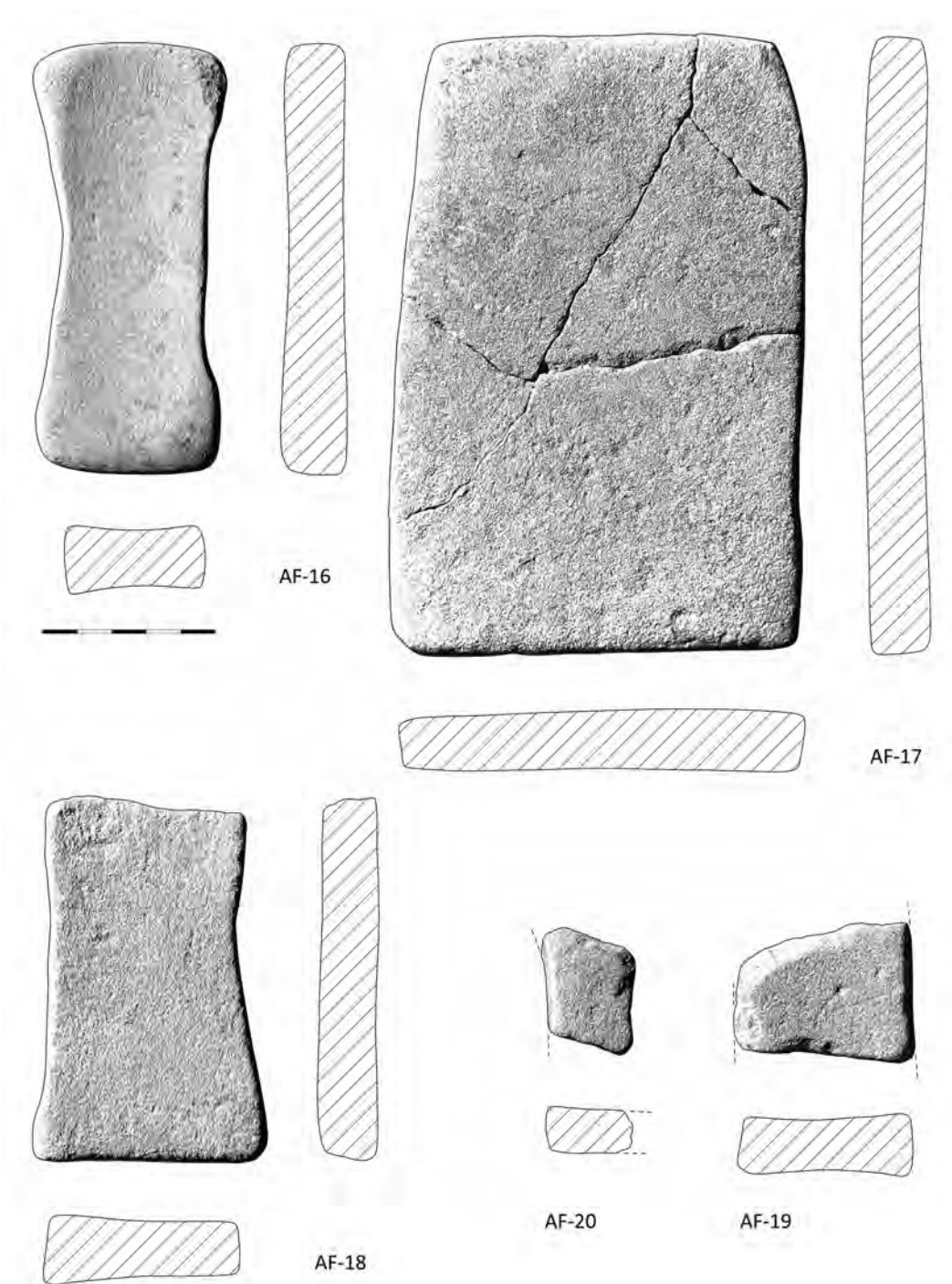


Fig. 26 – Anta da Ferranha. Placas de grés, lisas.

montanhosas de São Mamede e Ossa, um grupo crono-culturalmente coevo designado como *Grupo Megalítico de Crato-Nisa*. Não deverá contudo ser encarado autonomamente, devendo ser lido em sintonia com o megalitismo hispano-estremenho (cf. Bueno, 1988), manifestando igualmente incontestáveis afinidades com grupos mais a sul (nomeadamente, a linha Montemor-Évora-Reguengos), princi-

palmente evidentes nas áreas de charneira de Mora e Elvas.

De um ponto de vista genérico, em termos de definição cronológica e cultural e sem qualquer restrição interpretativa, as Antas das Romeiras e da Ferranha enquadram-se neste ambiente megalítico. Com efeito, as características morfo-tipológicas do espólio recuperado permitem reafirmar a homogeneidade dos conjuntos



AF-1

Fig. 27 – Anta da Ferranha. Lâmina de sílex AF-1 e polidor-afiador AF-15 (com inversão em *Photoshop*, para melhor identificação dos detalhes). Comprimento da lâmina: 13,4 cm; comprimento do polidor: 15,6 cm.

votivos distintos deste grupo, distinguindo-se ainda, tendo em conta apenas parâmetros de distribuição espacial, dois subgrupos: um primeiro aparentemente estruturado em relação à Ribeira da Seda; um segundo aparentemente estruturado em relação à Ribeira de Sor.

No primeiro, relativo à área específica do Crato, e onde se inclui a anta das Romeiras, os mobiliários votivos apresentam paralelos directos com o conjunto em estudo, destacando-se os monumentos de Tapadão 1, Couto de Andreiros 1 e 2, Tapada da Canchos, Zambujeira 2, Dacosta 1 e 2 e Coutada de Barros (para além dos mencionados Penedos de São Miguel e Horta). Apresenta-se, de seguida, a listagem sumária do espólio recolhido nestes monumentos:

Tapadão 1 (Isidoro, 1965–1966, pp. 31–43)

Cerâmica: 3 vasos inteiros ou com forma reconstituível; 39 fragmentos de outros vasos.

Pedra lascada: 45 pontas de seta de sílex, de base côncava (20), convexa (6), triangular (3) e pedunculada (2); 1 ponta de seta de quartzo; 6 fragmentos de lâminas (3 retocadas); 2 fragmentos de alabardas; 2 raspadores «em forma de trapézio». Pedra polida: 1 machado de secção rectangular.

Artefactos para adorno pessoal: 27 contas de colar de xisto e calaíte (3), discoides e bitroncónicas; 1 pendente de xisto.

Artefactos relacionados com o Sagrado: 1 placa de xisto gravada; 1 fragmento de placa fenestrada; 1 fragmento de báculo.

Outros artefactos e objectos: 3 cristais de quartzo.

Couto de Andreiros 1 (Isidoro, 1967–1968, pp. 285–287)

Cerâmica: 8 fragmentos de bordos.

Pedra lascada: 4 pontas de seta de sílex, de base convexa (2), triangular (1) e pedunculada (1); 1 ponta de seta de quartzo hialino; 1 ponta de seta de xisto; fragmentos de lâminas de sílex; 2 núcleos de sílex; 1 buril.

Artefactos para adorno pessoal: 2 contas de colar de xisto; 1 pendente de xisto.

Outros artefactos e objectos: 1 cristal de quartzo.

Couto de Andreiros 2 (Isidoro, 1967–1968, pp. 287–291)

Cerâmica: 8 vasos, um deles inteiro.

Pedra lascada: 2 pontas de seta de quartzo hialino, de base concava e convexa; 1 ponta de seta de xisto.

Pedra polida: 3 machados de anfibolito de secção rectangular.

Artefactos relacionados com o Sagrado: 1 placa de grés esculpida; 1 placa de grés lisa; 1 placa de xisto fenestrada.

Tapada de Canchos (Isidoro, 1967–1968, pp. 291–295)

Cerâmica: 3 vasos, um deles inteiro com decoração plástica; fragmentos de outros vasos.

Pedra lascada: 14 pontas de seta de sílex, de base recta (2), convexa (6) e triangular (9); 3 pontas de seta de quartzo hialino; fragmentos de lâminas de sílex; 1 núcleo de sílex.

Pedra polida: 5 machados de anfibolito.

Artefactos para adorno pessoal: 5 contas de colar, de xisto e calaíte (1).

Artefactos relacionados com o Sagrado: 1 fragmento de placa de grés esculpida.

Dacosta 1 (Isidoro, 1973a, pp. 107–109)

Cerâmica: 1 vaso muito fragmentado.

Pedra polida: 4 machados.

Artefactos relacionados com o Sagrado: 1 placa de grés lisa.

Dacosta 2 (Isidoro, 1973a, pp. 109–118)

Cerâmica: 15 vasos inteiros (esféricos, taças e vasos carenados do tipo *Crato-Nisa*, alguns



Fig. 28 – Anta da Ferranha. Artefactos de pedra polida, machados AF-23 e 22; enxós AF-2 e 21.

deles com decoração impressa e plástica); 20 fragmentos de vasos com forma reconstituível (esféricos, vasos carenados do tipo *Crato-Nisa*, pratos, copo); 2 fragmentos de bordo de um grande pote mamilado; 79 fragmentos de bordos de outros vasos.

Pedra lascada: 1 ponta de seta de sílex de base convexa; 1 lâmina; 3 fragmentos de lâminas.

Pedra polida: 7 machados de xisto anfibólico de secção rectangular.

Artefactos para adorno pessoal: 3 contas de colar de xisto; 1 pendente de calaíte.

Artefactos relacionados com o Sagrado: 8 placas de xisto gravadas, 4 delas inteiras.

Zambujeira 2 (Isidoro, 1975, pp. 3–12)

Cerâmica: 5 vasos com forma reconstituível (taças, vaso carenado do tipo *Crato-Nisa* com mamilo, pequeno prato); 2 fragmentos de recipiente decorado; fragmentos de



Fig. 29 – Anta da Ferranha. Cerâmica. O fragmento AF - 4 possui vestígios de engobe vermelho.

Fig. 30 (à direita) – Anta da Ferranha. Placas de grés, lisas.

bordos de 7 vasos; 25 fragmentos de outros vasos.

Pedra lascada: 3 pontas de seta de sílex de base triangular; 1 ponta de seta de quartzo; 1 fragmento de ponta de seta de xisto; 1 núcleo de quartzo.

Pedra polida: 21 machados e enxós de xisto anfibólico de secção rectangular.

Artefactos para adorno pessoal: 1 conta de colar bitroncocónica.

Artefactos relacionados com o Sagrado: 1 placa de xisto com «falsos olhos»; 3 placas de grés lisas. Outros artefactos e objectos: 4 esferóides de granito e quartzo (percutores ou «balas de funda»).

Coutada de Barros (Leisner & Leisner, 1959, p. 33, Taf. 6)

Cerâmica: vasos inteiros ou com forma recons-

tituível (esféricos, taças e vasos carenados do tipo *Crato-Nisa*, alguns deles com decoração plástica).

Pedra lascada: ponta de seta de sílex de base côncava; lâmina de sílex.

Pedra polida: machados de secção elíptica e rectangular.

Artefactos relacionados com o Sagrado: placa de xisto gravada.

Para o segundo subgrupo, correspondente às áreas de Gáfete e Vale do Peso, e onde se inclui a anta da Ferranha, a situação mostra-se semelhante, sendo de referir os paralelos com os monumentos de Couto de Enchares, Couto de Biscaia 1, Tapada da Laje das Peles, Vale da Anta 1, Tapada das Moses, Couto do Ferreiro e Couto do Vale Magro. Apresenta-se, de

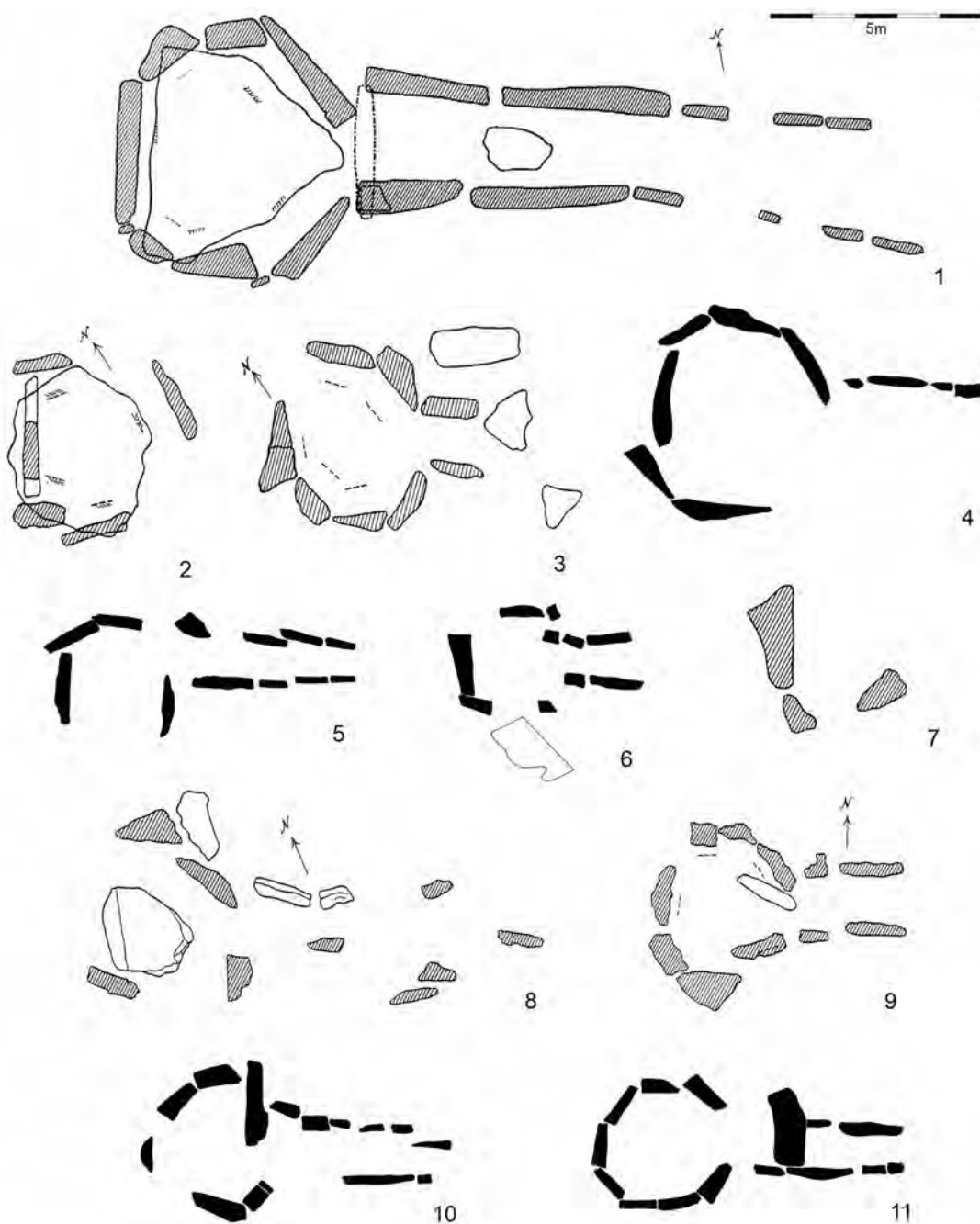


Fig. 31 – Monumentos megalíticos localizados na área do Crato, na envolvente imediata (raio de 10 km) da Anta das Romeiras. 1: Tapadão 1 (Leisner & Leisner, 1956, Taf. 16); 2: Couto de Andreiros 1 (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 6); 3: Couto de Andreiros 2 (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 6); 4: Tapada de Canchos (Isidoro, 1967-1968, p. 296, fig. 1c); 5: Zambuqueira 2 (Isidoro, 1975, p. 4, fig. 1); 6: Zambuqueira 3 (Isidoro, 1975, p. 7, fig. 2); 7: Couto de Madraços (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 6); 8: Coutada de Barros (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 7); 9: São Lourenço 2 (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 7); 10: Dacosta 1 (Isidoro, 1973a, p. 108, fig. 1); 11: Dacosta 2 (Isidoro, 1973a, p. 111, fig. 2).

seguida, a listagem sumária do espólio recolhido nestes monumentos:

Couto de Enchares (Isidoro, 1965–1966, pp. 43–53)

Cerâmica: 8 vasos inteiros ou com forma reconstituível; 32 fragmentos de outros vasos.

Pedra lascada: 5 pontas de seta de sílex, de base côncava e convexa; 2 fragmentos de lâminas.

Pedra polida: 10 machados de xisto anfibólico de secção rectangular; 2 fragmentos de machados.

Artefactos para adorno pessoal: 1 conta de colar de xisto.

Artefactos relacionados com o Sagrado: 2 placas de xisto gravadas (1 antropomórfica); 1 fragmento de placa de xisto gravada; 1 fragmento de báculo.

Couto de Biscaia 1 (Isidoro, 1970, pp. 4–15)

Cerâmica: 42 vasos inteiros ou com forma reconstituível; 39 fragmentos de outros vasos.

Pedra lascada: 6 pontas de seta de sílex, de base

convexa (3), triangular (1) e pedunculada (1); 1 lâmina retocada; 4 fragmentos de lâminas.

Pedra polida: 10 machados de xisto anfibólico de secção rectangular; 1 machado de secção elíptica.

Artefactos para adorno pessoal: 2 conta de colar de xisto; 1 conta de colar de calaíte; 1 pendente de xisto.

Artefactos relacionados com o Sagrado: 11 placas de xisto gravadas.

Outros artefactos e objectos: 1 cristal de quartzo; 1 artefacto ovóide de gnaïsse com sulco transversal (polidor?).

Tapada da Laje das Peles (Isidoro, 1971, pp. 41–43)

Cerâmica: 3 vasos inteiros ou com forma reconstituível; 11 fragmentos de bordos de outros vasos.

Pedra lascada: 1 ponta de seta de sílex.

Pedra polida: 7 machados.

Artefactos para adorno pessoal: 1 conta de colar.

Artefactos relacionados com o Sagrado: 3 placas de xisto gravadas; 3 fragmentos de placas de xisto gravadas.

Outros artefactos e objectos: 1 artefacto arredondado de gnaïsse com sulco longitudinal (polidor?).

Vale da Anta 1 (Isidoro, 1971, pp. 43–44)

Cerâmica: 7 fragmentos de bordos.

Pedra lascada: 2 pontas de seta de sílex.

Artefactos relacionados com o Sagrado: 1 fragmento de placa de grés lisa.

Tapada das Moses (Isidoro, 1971, pp. 45–46)

Cerâmica: 4 fragmentos de bordos.

Pedra lascada: 9 pontas de seta de sílex; 3 fragmentos de lâminas retocadas de sílex.

Pedra polida: 9 machados de xisto anfibólico de secção rectangular.

Artefactos para adorno pessoal: 1 conta de colar.

Artefactos relacionados com o Sagrado: 3 placas de xisto gravadas.

Couto do Ferrão (Isidoro, 1971, pp. 46–47)

Cerâmica: 2 fragmentos.

Pedra polida: 1 machado.

Couto de Vale Magro (Isidoro, 1971, pp. 47–48)

Cerâmica: 2 fragmentos de bordos.

Pedra polida: 2 machados.

Artefactos relacionados com o Sagrado: 1 placa de xisto gravada.

Trata-se, tanto pela arquitectura como pelo espólio recolhido, de monumentos «evoluídos», alguns de Corredor longo, não sendo assim de estranhar a composição dos mobiliários votivos, tendo em conta o contexto cronológico da sua construção e utilização (entre os últimos séculos do quarto milénio e os primeiros do terceiro milénio a.n.e., de acordo com as datações apresentadas no Quadro 7).

Esta seria, contudo, uma visão limitada do megalitismo do Crato, visto terem sido intervencionados apenas os elementos de maior «monumentalidade». Monumentos aparentemente mais arcaicos, como Couto de Algarves 2 (Rocha, 2002), quase «proto-megalítico», fornecem espólio arcaico composto por alguns escassos elementos líticos (lâminas não retocadas e geométricos), demonstrando assim que as etapas iniciais do fenómeno megalítico alentejano também têm expressão no conjunto do Crato, essencialmente representadas no núcleo Crucieira-Taliscas (Parreira, 1996).

No entanto, alguns dos elementos constituintes dos conjuntos em análise merecem comentários, principalmente devido à sua relativa excepcionalidade.

Em relação ao conjunto cerâmico, o caso da anta das Romeiras apresenta, dentro do conjunto estudado, alguns elementos que merecem discussão, destacando-se o vaso AR-3 e o conjunto de vasos carenados do tipo *Crato-Nisa*, correspondendo os restantes a formas de algum modo comuns, nomeadamente uma taça em calote fechada e um pequeno esferóide de boca elíptica.

AR-3 é, como se disse acima, uma taça em calote aberta, provida de elemento de suspensão e preensão, assemelhando-se morfo-tipologicamente a um típico «cocho» alentejano. A presença de «colherões» em contextos funerários alto-alentejanos não é inédita, tendo sido registada, por exemplo, nos monumentos de São Gens 2, Alcogulo 1 ou Sobral (Oliveira, 1999–2000, 2012). No entanto, estes exemplares distinguem-se claramente do vaso AR-3, tanto pelo menor índice de profundidade (exceptuando o exemplar de Alcogulo 1) como pela manifesta divergência morfológica dos elementos de preensão (em forma de lingueta hemicíclica perfurada no vaso AR-3).

Destaca-se igualmente a presença maioritária de vasos carenados do tipo *Crato-Nisa* (quatro exemplares, no conjunto dos sete vasos recolhidos neste monumento), sendo que qualquer um deles apre-

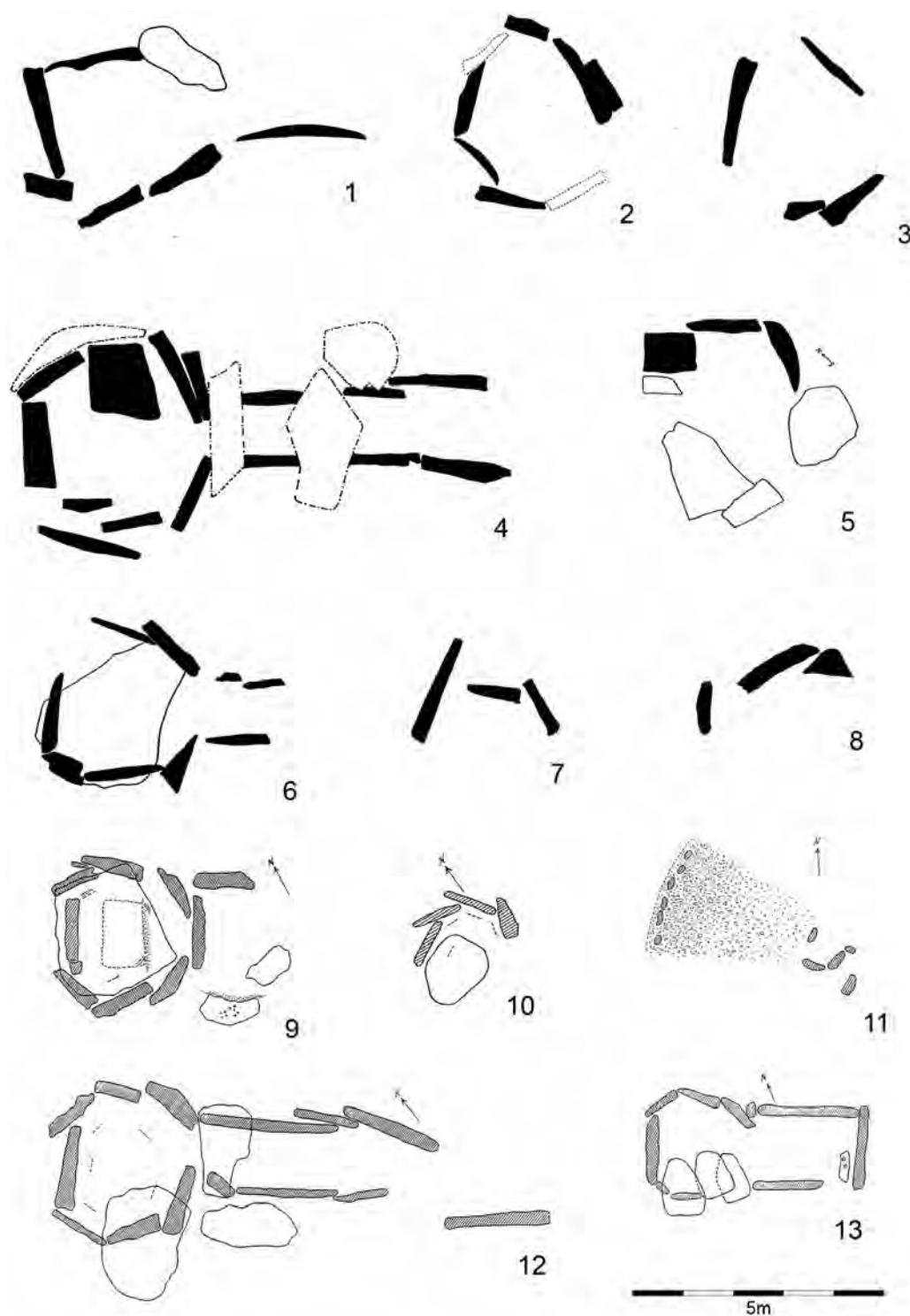


Fig. 32 – Monumentos megalíticos localizados na área de Gáfete, na envolvente imediata (raio de 10 km) da anta da Ferranha.

1: Tapada da Laje das Peles (Isidoro, 1971, p. 42, fig. 1); 2: Couto de Biscaia 1 (Isidoro, 1970, p. 4, fig. 1); 3: Tapada das Moses (Isidoro, 1971, p. 46, fig. 4); 4: Couto de Enchares (Isidoro, 1965–1966, p. 44, fig. 14); 5: Couto de Vale Magro (Isidoro, 1971, p. 48, fig. 6); 6: Vale da Anta 1 (Isidoro, 1971, p. 44, fig. 2); 7: Vale da Anta 2 (Isidoro, 1971, p. 45, fig. 3); 8: Couto do Ferrão (Isidoro, 1971, p. 47, fig. 5); 9: São Gens 1 (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 1); 10: São Gens 2 (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 1); 11: São Gens 3 (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 1); 12: Saragoneiros 1 (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 1); 13: Saragoneiros 2 (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 1).

Monumento	Ref. Lab.	Contexto	Amostra	Anos BP	Cal BC 2σ	Ref. Biblio.
Coureiros 4	ICEN-976	Base Corredor	Carvões	4240 +/- 150	3338-2471	Oliveira, 1998*
Bola de Cera	ICEN-66	Base Câmara	Ossos humanos	4360 +/- 50	3264-2887	Oliveira, 1998*
Horta	Beta-194313	Câmara	Osso humano	4390 +/- 50	3325–2900	Oliveira, 2006*
Horta	Beta-194312	Corredor	Osso humano	4190 +/- 50	2898–2627	Oliveira, 2006*

* recalibradas em 2013 segundo o Calib 7.0.1.

Quadro 7 – Datações ¹⁴C para monumentos alto-alentejanos com espólio coevo ao das Antas das Romeiras e da Ferranha.

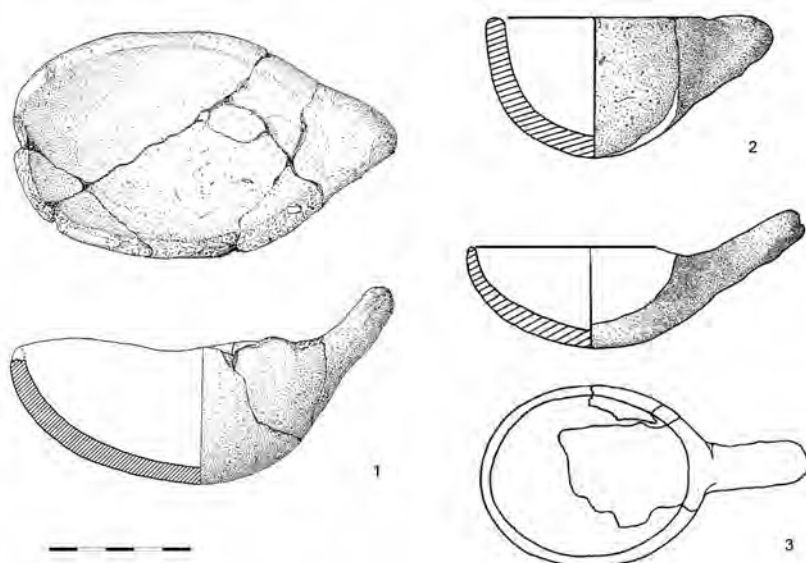


Fig. 33 – «Colherões» recolhidos em monumentos megalíticos alto-alentejanos. 1: São Gens 2 (Oliveira, 1999–2000, p. 209); 2: Alcogulo 1 (Oliveira, 2012, p. 170); 3: Sobral (Oliveira, 2012, p. 303).

senta decoração (impressa no caso dos vasos AR-5 e AR-6, plástica no caso dos vasos AR-7 e AR-10). Como já referido (Andrade, 2014), trata-se de um tipo cerâmico relativamente frequente nos contextos funerários alto-alentejanos, sendo um elemento específico dos mobiliários votivos do Megalitismo do grupo de *Crato-Nisa* (sendo mais escassas ou mesmo inexistentes em áreas do Alentejo central e Baixo Alentejo) nos últimos séculos do quarto milénio e primeiros do terceiro milénio a.n.e., surgindo associados a placas de xisto gravadas, grandes lâminas retocadas e pontas de seta de retoque bifacial cobridor.

A cerâmica do tipo dos pequenos vasos *Crato-Nisa* encontra-se representada por três variantes morfológicas: vasos de fundo convexo ou plano-convexo e corpo cilíndrico de paredes rectas verticais (AR-10); vaso de fundo convexo ou plano-convexo e corpo troncocónico de paredes rectas envasadas (AR-6 e AR-7); vaso de fundo convexo ou plano-convexo e corpo hiperboloide de paredes exvasadas (AR-5). A nível decorativo, registam-se exemplares com decoração impressa (AR-5 e AR-6 em matriz denteada) e decoração plástica (AR-7 e AR-10). Nesta última técnica, encontram-se exemplares com pares de mamilos aplicados sobre a carena (AR-7) e mamilos isolados alongados também aplicados sobre a carena (AR-10). Este conjunto reúne paralelos directos, na área em estudo, nos monumentos de Dacosta 2 e Coutada de Barros, a nível da tipologia dos recipientes e seus motivos decorativos, podendo a análise ser igualmente estendida a outros contextos alto-alentejanos (*Anta de Alter do Chão*, Horta, Alcogulo

2), e mesmo de transição para contextos centro-alentejanos (Ordem 1, Casa Branca 3, Cabeço do Considereiro, Caeira 7, Comenda da Igreja).

No caso do conjunto da anta da Ferranha, e exceptuando os fragmentos AF-4 e AF-5 (correspondendo o primeiro a um pequeno recipiente indeterminado de superfícies almagradas e o segundo a um pequeno vaso carenado do tipo *Crato-Nisa*), os restantes exemplares referem-se a elementos dificilmente integráveis em âmbitos votivos estritos. Com efeito, referem-se a grandes recipientes, adequados a uma função mais utilitária. O desconhecimento do seu contexto específico de recolha torna difícil a definição clara da sua presença no monumento,

não estando determinada a sua posição altimétrica (em relação a níveis superiores ou inferiores dos depósitos de preenchimento do monumento) ou espacial (no interior ou exterior do monumento).

A presença de grandes recipientes em monumentos do *Crato* não é estranha, registando-se nos monumentos de Dacosta 2 e Couto de Biscaia 1 (Isidoro, 1970, pp. 4–15, 1973a, pp. 109–118), referindo-se, em particular no primeiro caso, à recolha de fragmentos de um grande pote mamilado semelhante aos recolhidos na anta da Ferranha. Contudo, trata-se também de ocorrências em que não é muito explícita a sua posição dentro dos contextos funerários, diminuindo assim a fiabilidade de qualquer tentativa de interpretação. Refira-se, contudo, e a título de exemplo, a presença de grandes recipientes na Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz), identificados quase exclusivamente numa estrutura negativa escavada na Câmara, junto ao esteio de cabeceira, interpretada como fossa de fundação do monumento (Gonçalves, 2003), tratando-se assim, neste caso particular, de recipientes usados com uma função específica num contexto simbólico-funerário.

Quanto aos artefactos de pedra polida, estes são elementos tradicionalmente raros dentro dos conjuntos votivos atribuíveis aos últimos séculos do quarto e primeiros séculos do terceiro milénio a.n.e., especialmente quando estatisticamente comparados com outros itens, tais como as placas de xisto gravadas (sendo assim característicos de etapas cronológicas antecedentes). No entanto,

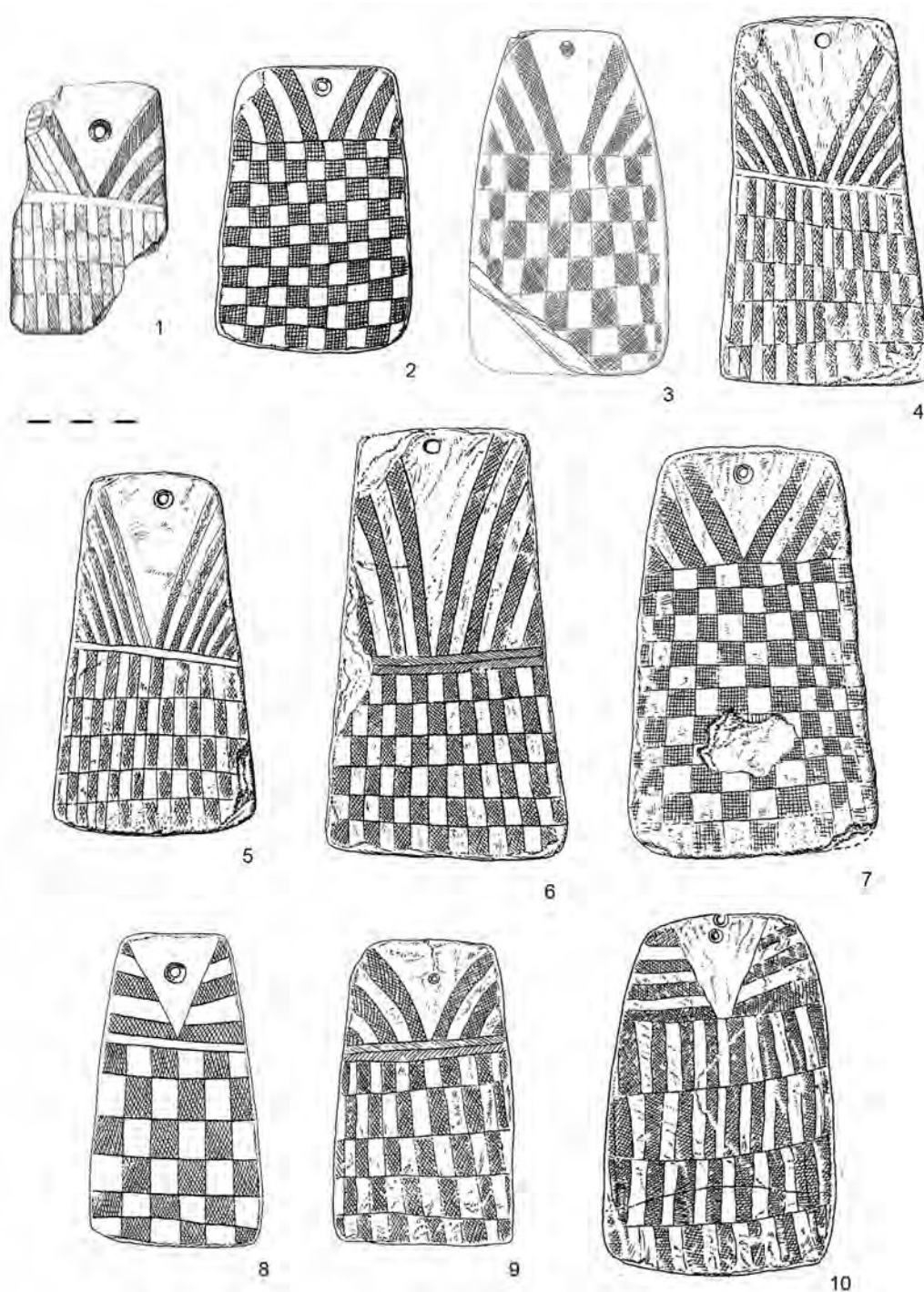


Fig. 34 – Placas de xisto gravadas com campos de xadrez no contexto megalítico alto-alentejano. 1: Bola da Cera (Oliveira, 2012, p. 61); 2: Cabeço (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 3); 3: Anta de Alter do Chão (Andrade, 2014, fig. 24) 4: Poço Novo (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 11); 5: Elvas (Leisner & Leisner, 1959, Est. 12); 6: Torre das Arcas 5 (Leisner & Leisner, 1951, Est. 12); 7: Sobreira 2 (Leisner & Leisner, 1959, Est. 12); 8: Brissos 1 (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 21); 9-10: Brissos 6 (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 22).

no contexto megalítico alto-alentejano, estes elementos parecem prevalecer nos rituais funerários, como se pode comprovar por alguns exemplos da área da bacia do Sever ou da Coudelaria de Alter do Chão (Oliveira, 2012, 2006). Trata-se genericamente, nestes casos, de exemplares de secção subquadrangular ou sub-rectangular, surgindo associados a espólio evoluído, tal como placas de xisto gravadas, pontas de seta de retoque

bifacial cobridor e grandes lâminas retocadas. Na área específica do Crato, tal realidade parece repetir-se. Do total dos monumentos escavados por A. F. Isidoro, apenas Zambujeira 3, Vale da Anta 1 e 2 e Couto de Andreiros 1 não forneceram artefactos de pedra polida, referindo-se, contudo, a monumentos que ofereceram escasso ou nenhum espólio, possivelmente devido a violações. A sua presença está todavia registada nos

restantes monumentos, por vezes com mais de uma dezena de exemplares (21 artefactos de pedra polida, no caso de Zambujeira 2). Refira-se mais uma vez, e reforçando o que acima se disse, que se trata de monumentos evoluídos, seja a nível arquitectónico ou de composição genérica dos mobiliários votivos.

A larga maioria dos machados recolhidos em monumentos do Crato apresenta secção subrectangular, registando-se apenas dois machados de secção subcircular/elíptica em Couto dos Enchares e um outro em Couto do Biscaia 1. Dos primeiros, destaca-se em particular um exemplar que apresenta algumas semelhanças com o machado AR-12, referindo-se igualmente a uma peça robusta de grandes dimensões.

Trata-se de artefactos com comprimentos superiores a 20 cm, de corpo inteiramente polido, de contorno cilíndrico ou trapezoidal alongado e secção subcircular ou elíptica. A associação entre estes elementos e outros, tradicionalmente mais evoluídos não é inédita no contexto megalítico alto-alentejano, sendo de referir, para além de Romeiras, Couto de Enchares e Couto de Biscaia 1, os exemplos de Cavaleiros 1, Ordem 1 ou Torre do Ervedal 3 (Leisner & Leisner, 1953, Est. III, 1959, Taf. 14; Andrade, 2009, Anexo 3, fig. 4), podendo corresponder a artefactos de aparente cariz arcaico mas de uso ritual específico em contextos de finais do quarto/inícios do terceiro milénio a.n.e.

Em relação à placa de xisto gravada AR-2, poder-se-ia dizer que se trata de uma placa de certa maneira «clássica», cujo motivo principal é o campo de xadrez. No geral, e tendo em vista grandes conjuntos que permitam tratamento estatístico (como Olival da Pega 1 e 2, *tholos* do Escoural, Anta 1 do Paço de Aragão, Anta Grande do Zambujeiro), este refere-se a um motivo sempre minoritário no campo da iconografia estrita das placas de xisto gravadas dentro de grandes conjuntos, onde dominam claramente as placas gravadas com bandas de triângulos preenchidos ou faixas zigzagueantes.

No espaço restrito do concelho do Crato, encontram-se placas de xisto gravadas (ou placas de grés crono-culturalmente coevas) nos monumentos de Tapadão 1, Couto de Enchares, Couto de Andreiros 2, Tapada de Canchos, Zambujeira 3, Couto de Biscaia 1, Tapada da Laje de Peles, Tapada das Moses, Couto de Vale Magro, Dacosta 2, Coutada de Barros e Penedos de São Miguel (Leisner & Leisner, 1959; Isidoro, 1965–1966, 1967–1968, 1970, 1971, 1973, 1975; Gon-

çalves & alii, 1981). Serão de referir igualmente aquelas recolhidas em monumentos no espaço limítrofe de Alter do Chão, tais como Monte Redondo (Vasconcellos, 1927–1929) e Horta (Oliveira, 2006), para além do monumento designado como *Anta de Alter do Chão* (Andrade, 2014) e no monumento administrativamente impreciso da Lameira (Andrade, no prelo).

Trata-se, contudo, de um motivo decorativo até ao momento desconhecido nas placas de xisto gravadas do núcleo megalítico do Crato, onde se encontram todavia alguns exemplares notáveis, desde as placas fenestradas (Couto de Andreiros 2) às placas com «falsos olhos» (Dacosta 2, Zambujeira 2), passando pelas placas de contorno antropomórfico (Couto de Enchares, Tapada da Laje das Peles, Couto de Vale Magro, Tapada das Moses), pelas placas com Olhos de Sol (Couto de Biscaia 1) e pelas placas gravadas com motivo radiante (Dacosta 2).

No contexto genérico do Megalitismo alto-alentejano, esta tendência parece manter-se, estando as placas gravadas com campo de xadrez registadas apenas, e até ao momento, na *Anta de Alter do Chão*, Cabeço, Coureiros 4 e Bola da Cera (Andrade, 2014; Leisner & Leisner, 1959, Taf. 3; Oliveira, 2012), apresentando-se já mais frequentes nas áreas de charneira de Elvas e Mora, em monumentos como Torres das Arcas 5, Poço Novo, Sobreira 2, Brissos 1 e Brissos 6 (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 11, 12, 21 e 22).

Tendo em conta especificamente a composição exacta do conjunto figurativo Cabeça-Corpo (e do Separador entre ambos) da placa AR-2, e não sendo imperativo citar todos os exemplos disponíveis de placas com campos de xadrez, os paralelos directos que se poderão recolher remetem-se principalmente ao Alentejo central. Para além dos exemplares da Anta Grande do Zambujeiro, *tholos* do Escoural e Paço de Aragão (coleções em estudo no âmbito do projecto PLACA NOSTRA, da UNIARQ), estes encontram-se nas antas de Passo 1, Olival da Pega 1, Ceboinhos 1, Vale de Rodrigo 1 e Loba 2 (Leisner & Leisner, 1951, 1959; Gonçalves & alii, 2005), surgindo ainda em contextos baixo-alentejanos, como no *tholos* de Folha da Amendoeira (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 42) ou na área de charneira entre o Alentejo e a Península de Lisboa, como no curioso conjunto de Monte da Barca, em Coruche, que inclui também, aliás, para além das 30 placas, cerâmicas similares às do Megalitismo alto-alentejano (Gonçalves, 2011, pp. 156 e 157,

Fig. 6.3, um vaso carenado com mamilos sobre a carena e, Fig. 6.4, outro pequeno vaso carenado, com mamilos abaixo do bordo, simulando provavelmente os seios da Deusa).

Apesar de qualquer uma destas placas de xisto gravadas obedecerem exactamente aos mesmos critérios estruturantes, são especialmente notáveis as similitudes morfológicas entre a placa AR-2 e as placas de Poço Novo (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 11), Elvas (Leisner & Leisner, 1959, Est. 12), Olival da Pega 1 (Leisner & Leisner, 1951, Est. 28) e Folha da Amendoeira (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 42).

Quanto às placas de grés recolhidas na anta da Ferranha, referindo-se exclusivamente a exemplares lisos, estas encontram paralelos na larga

maioria dos monumentos escavados na área do Crato, não sendo outra coisa que não placas de grés lisas as «pedras de afiar» referidas por A. F. Isidoro. Sendo elemento relativamente comum nos conjuntos funerários desta área, a sua presença neste monumento não é estranha, não se registando todavia a presença de placas de grés esculpidas com motivos antropomórficos, como as identificadas nos monumentos de Couto de Andreiros 2, Tapada de Canchos ou Couto do Vale Magro (Isidoro, 1967–1968, 1971) ou os dois notáveis exemplares da Anta dos Penedos de S. Miguel.

Lisboa, Inverno de 2013–2014

Bibliografia citada

ANDRADE, Marco António (2009) - *Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo, Portugal): definição e caracterização do fenómeno de “megalitização” da paisagem na área austral do Norte alentejano*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.

ANDRADE, Marco António (2014) - Contextos perdidos, obscurantismos helénicos: espólio de um monumento megalítico de Alter do Chão pertencente à colecção de Manuel Heleno. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 17. pp. 35–60.

ANDRADE, Marco António (no prelo) - As placas de xisto gravadas da anta da Herdade da Lameira (Alto Alentejo, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 5.^a série. 3.

BASSO, Júlio (1895) - Antas nos concelhos do Crato, Niza e Castello de Vide. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1:7, pp. 191–192.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1988) - *Los dólmenes de Valencia de Alcantara*. Madrid: Ministerio de Cultura.

GONÇALVES, Victor S. (1989) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental: uma aproximação integrada*. Lisboa: UNIARQ/INIC.

GONÇALVES, Victor S. (2003) - *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

GONÇALVES, Victor S. (2004a) - As placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur (3.^o milénio a.n.e.). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 22, pp. 163–318.

GONÇALVES, Victor S. (2004b) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 5: O explícito e o implícito. Breve dissertação invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 165–183.

GONÇALVES, Victor S. (2006) - Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto: 1. A placa de xisto gravada (medieval?) da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, pp. 185–195.

GONÇALVES, Victor S. (2008) - *A utilização pré-histórica da Gruta de Porto Covo (Cascais): uma revisão e algumas novidades*. Cascais: Câmara Municipal.

GONÇALVES, Victor S. (2011) - *As placas de xisto gravadas (e os báculos) do sítio do Monte da Barca (Coruche)*. Lisboa: Uniarq.

- GONÇALVES, Victor S. (2013) - *No limite oriental do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz*. Évora: DRCALEN.
- GONÇALVES, Victor S.; PEREIRA, André; ANDRADE, Marco António (2003) - A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª série. 21, pp. 209–244.
- GONÇALVES, Victor S.; PEREIRA, André; ANDRADE, Marco António (2005) - As notáveis placas votivas da Anta dos Cabacinheiros (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 43–109.
- GONÇALVES, Victor S.; TREINEN-CLAUSTRE, Françoise; ARRUDA, Ana Margarida (1981) - Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato), campanha 1-(81). *Clio*. Lisboa. 3, pp. 153–164.
- GONÇALVES, Victor S.; TREINEN-CLAUSTRE, Françoise; ARRUDA, Ana Margarida; ZAMMIT, Jean (1983–1984) - Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato), campanha 2 (82). *Clio Arqueologia*. Lisboa. 1, pp. 225–227.
- GONÇALVES, Victor S.; TREINEN-CLAUSTRE, Françoise; ARRUDA, Ana Margarida (1983–1984) - Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato), campanha 3 (83). *Clio Arqueologia*. Lisboa. 1, pp. 229–230.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1962) - Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo). *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto. 44, pp. 5–27.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1963a) - Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo): novos elementos. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 19:1, pp. 71–75.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1963b) - Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo). Novos elementos (II). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 19:2, pp. 174–177.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1964) - Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo). Novos elementos (III). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 19:3–4, pp. 353–359.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1965–1966) - Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 20:1–2, pp. 29–57.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1967–1968) - Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) - II. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 22, pp. 285–297.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1970) - Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) - III. *Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa*. Porto. 6, pp. 3–18.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1971) - Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) - IV. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 22:1, pp. 41–56.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1973a) - Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) - V. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 22:2, pp. 107–123.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1973b) - Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo). Novos elementos (IV). *Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa*. Porto. 20, pp. 3–5.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1975) - Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) - VI. *Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa*. Porto. 29, pp. 3–13.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1951) - *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura (reeditado por Uniarq/INIC, 1985).
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1953) - Contribuição para o registo das antas portuguesas: a região de Montargil, concelho de Ponte de Sôr. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Nova série, 2, pp. 227–256.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1956) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. 1:1. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. 1:2. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- OLIVEIRA, Clara; OLIVEIRA, Jorge (2000) - Continuidade e rupturas do Megalitismo no distrito de Portalegre. In JORGE, Vítor Oliveira, ed. - *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. 3: Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Porto: ADECAP, pp. 459–471.
- OLIVEIRA, Jorge (1998) - *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever*. Vol. 1. Lisboa: Colibri.
- OLIVEIRA, Jorge (1999–2000) - A Anta II de S. Gens (Nisa). *Ibn Marwan*. Marvão. 9–10, pp. 181–238.
- OLIVEIRA, Jorge (2006) - *Património arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. Lisboa: Colibri; Évora: Universidade.

OLIVEIRA, Jorge (2012) - *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever*. Vols. 2–3 (edição electrónica). Évora: CHAIA; Marvão: Câmara Municipal.

PARREIRA, Rui (1996) - *O conjunto megalítico do Crato (Alto Alentejo): contribuição para o registo das antas portuguesas*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.

ROCHA, Leonor (2002) - A Anta do Couto dos Algarves 2 - Crato. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª série. 20, pp. 39–60.

VASCONCELLOS, José Leite (1927–1929) - Antiquidades do Alentejo, III: espólio d'uma anta de Monte Redondo. *O Archeologo Português*. Lisboa. 28, pp. 169–170.